




GOSTA CHAMOIM

Cantos Portugueses

LIVRARIA CRUZ
EDITORA



BRAGA - PORTUGAL
1917

As dimensões desta «reprodução» da obra de Costa Chamolim coincidem com as do livrinho original (22 x 14 cm).
As páginas foram «emolduradas» numa linha pontuada.
Esta cópia foi realizada no dia 13 de julho de 2019.

Fernando Pinho

Quem não sabe de onde vem...

“Quem não sabe de onde vem não pode saber para onde vai!” — não é precisa a assinatura de um grande filósofo ou personagem famosa para acrescentar valor e significado a esta afirmação. Apostado em compreender o presente e em procurar inventar o futuro, visitar pérolas com mais de cem anos de “publicação” como esta é mais do que um mero exercício de carinho e busca de sentido. Ir ao encontro das folhas amareladas de antigos suportes de ideias, versos ou “spartiti musicali” assemelha-se a ir visitar um velhinho com antigas histórias para contar e dar-lhe a vida que outrora teve, viveu, transmitiu. . . Ao mesmo tempo, fazer renascer os signos portadores de significado que o antigo suporte de papel conserva sob novas vestes (reproduzindo-os em novos formatos do mundo digital) é também um ato de fé na metempsicose e na ressurreição, portanto um tributo às origens ancestrais da cultura e da civilização do mundo atual. É o oposto a matar caruncho. . .

O que aqui se publica não é música, pois música existe quando se executam partituras ou quando se canta ou toca sem elas (e sobre o valor da que os “Cantos Portugueses” reuniu pela Livraria Cruz, de Braga, em 1917, não me compete a mim julgar): o que aqui se apresenta são as folhas desse livrinhos com mais de um século, e a beleza dos textos e poemas que ele reuniu e propunha para serem “declamados” cantando-os, refletidos ouvindo-os, memorizados lendo-os.

Tal como sucede às pessoas com a idade desta obra (e com muito menos idade — falo por experiência), o maior problema ao manusear “velharias” como esta é a gravidade das artroses que afetam o ponto onde as folhas se ligam umas às outras, sendo problemático abri-las sem sentir sem ver como é difícil o dorso

manter-se íntegro, capaz de dobrar-se sem. . . partir! Foi um bico de obra impedir que essa fragil linha de abertura de cada página se mantivesse íntegra, sem se desconjuntar. . . Mas elas mantiveram-se solidárias, não se descoseram!

Colocadas com todo o cuidado e delicadeza no leito vítreo de leitura ótica, cada folha submeteu-se sem se divorciar do conjunto ao processo de varrimento e, todas juntas, voltaram no final a conviver no silêncio escuro como livrinho fechado, cheio de rugas mas íntegro, na posição que manteve durante. . . decênios — mais de um século!

Quando eram integralmente dedicadas ao texto, reproduzindo por exemplo, poesias famosas, como a Balada de Neve, de Augusto Gil (canção nº 73 — p. 135) as páginas submeteram-se a uma dupla “iluminação” digital, para uma possível substituição da fotocópia dessas páginas com o texto aí publicado, formatado de modo porventura mais eficaz: optou-se, aqui, por não substituir tais espaços, permanecendo coerente com o peso da idade que a cor demonstra, podendo os textos ter uma leitura/fruição/utilização independente deste opúsculo.

Os títulos e a letra destes “Cantos” remetem para cosmovisões/Weltanschauungen muito diferentes dos temas, imagens e mundivisões de hoje — ou talvez não. . . —, mas permitem (re)visitar esse mundo distante e, assim, evocar a memória do tempo e do mundo de onde vivimos: ajudarão a vislumbrar o mundo para onde vamos? Mais e melhor, porém, diz a bela introdução “O Canto Coral” que abre a obra original (páginas 5-6). Estão lá as razões por que decidi “acordar” esta obra. . . do letargo em que se encontrava e partilhá-la.

COSTA CHAMOIM

CANTOS PORTUGUESES

Escolares, orfeónicos e recreativos



CANTOS A UMA VOZ



BRAGA

LIVRARIA CRUZ — EDITORA

1917

O CANTO CORAL

Afirmar que a música influi pedagogicamente no espírito e no coração, não é exprimir uma ideia original, com quanto não seja uma banalidade.

Parece-me que a verdade assistia a Pitágoras, quando êle afirmava que a melodia e o ritmo podem melhorar o carácter, harmonizar as faculdades espirituais e curar as doenças da alma.

Assim o compreendeu a Grécia, que dava ao canto um dos primeiros lugares na educação da juventude. Foi devido a esta compreensão que se produziu um sem número de melopéias, que traduziam a sentimentalidade grega em moldes criados pelos dórios, frigios, lídios, eólios e jónios.

As nações modernas, vendo que a música é um factor importante na educação da juventude, fizeram dela um dos números do programa do ensino. Sem dúvida, a música desperta no coração sentimentos de humanidade, excita a inteligência; anima o instinto do amor pátrio, aquieta o espírito; nobilita o senso moral e adoça os costumes.

Mas é sobretudo o canto que, aliado à poesia, eleva o pensamento e favorece a formação moral da criança; pelo simples facto de a melodia e os versos actuarem fundamente no coração humano.

A natureza é a perspectiva do quadro pintado na alma pelo ritmo da música e pelo metro da poesia.

A melodia é uma pintura, que dá mais vida e colorido à poesia. A música é uma linguagem universal do sentimento; comove o coração, dominando primeiro os sentidos, e calando na alma antes de a razão o advertir.

É exprimindo os affectos e imitando a natureza que a música deleita e comove.

O canto, pois, actua na educação, desenvolvendo o sentimento do belo.

O canto é ainda um meio de educação física. Como ginástica dos pulmões, influi nos órgãos respiratórios, dando-lhes elasticidade, e fortifica o peito. A boa posição do cantor, favorável à respiração, e o bom humor, que o canto provoca, beneficiam a saúde geral do individuo.

É de notar que todos gostam de cantar: a criança canta durante os brinquedos, o lavrador no campo, o operário na officina; canta o caminhante e o pescador — e cantará o aviador? As crianças, sobretudo, teem um gosto particular pelo canto coral. Cultive-se, pois, nelas esta disposição inata; a faculdade musical é um dom da natureza, como a palavra. Ensinar as

crianças a cantar na escola é desenvolver-lhes com harmonia as faculdades.

Esta tarefa é mais fácil do que parece. O canto é uma arte de imitação, e as crianças são naturalmente imitadoras; e porque o instinto serve às crianças tanto como o estudo, é na tenra idade que a assimilação se faz mais fundamentalmente.

O ensino do canto na escola é mais tarde uma fonte de alegria; evita o mau humor e o tédio; causa hilariedade na família e nas reuniões, embelece a existência; reclamam-no as circunstâncias da vida.

O canto na escola é uma diversão aos outros estudos. A execução dum cântico, intercalando dois exercícios, que requerem atenção, é um repouso excelente; por isso, a lição de música não deve tornar-se um trabalho, quando ela deve ser uma recreação. Digo lição de música, porque ensinar a cantar sómente de ouvido não basta ao aproveitamento do aluno.



Publicando esta obra, desejei interessar a juventude estudiosa na vida e costumes de Portugal, nação grande num país pequeno; pretendi que o silencio

dos livros escolares falasse ao coração e à intelligencia de quem aprende a ler.

Foi com intuito puramente moralizador que eu pintei por meio dos sons as poesias das selectas de leitura, variadas flores do jardim da litteratura portugueza, que eu colhi para oferecer um ramilhete de melodias aos jovens de hoje, homens de amanhã.

Procurei que estas flores musicais rescessem a Portugal, para que a alma portugueza vibre num ritmo de feição, sem descuidar vestirlas da originalidade compativel com o fim a que as destinei e o meio em que serão executadas.

E' para desejar que em Portugal não se cantem sómente modinhas alegres e fados tristes, em que se conjuga quasi sempre o verbo amar na voz activa e passiva.

Portugal tem historia, lendas e tradições. No lar domestico há amor, donde deve derivar a fraternidade dos cidadãos; a variedade das scenas campestres associa-se à riqueza da fauna e da flora num clima temperado sob um céu azul.

Ora, o canto é para tudo isto: — é um elemento de hygiene, é um factor de pedagogia e uma lição de estetica.

1. - Cantando...

Andante



Can - ta o ca - mi - nhan - te le - do no ca -
Can - ta o pre - so do - ce - men - te os du -



mi - nho tra - ba - lho - so, por en - tre o espês - so ar - vo -
ros gri - lhões to - can - do; canta o se - ga - dor con -



re - do; *p* e de noi - te o te - me - ro - so can - tan - do re - frei - a o mê - do.
ten - te, e o tra - ba - lha - dor can - tan - do o tra - ba - lho me - nos sen - te.

VERSOS DE *Luís de Camões*

(Século XVI).

2. — Os Trabalhadores

Moderado



— ç Ao rom-per da ma - dru - ga - da, on - de vais com tu - a en -
— ç Tam vè - lhi - nho e tam ri - so - nho, on - de vais, a arder num



xa - da, ca - va - dor? — Vou gei - rar o pão das ter - ras e re -
so - nho, pro - fes - sor? — Vou ou - vir as me - lo - di - as du - mas



gar cam - pos e ser - ras, com su - or. — Deus te a - ju - de, Deus te
cer - tas co - to - vi - as, com a - mor. — Deus te a - ju - de, Deus te



ve - ja, Deus te po - nha num al - tar! Deus te con-ce - da a vir - tu - de de ter
ve - ja, Deus te po - nha num al - tar! Deus te con-ce - da a vir - tu - de de ter



hon - ra e ter sa - ú - de, sem in - ve - ja nem ver - go - nha. Tra - ba - lhar!
hon - ra e ter sa - ú - de, sem in - ve - ja nem ver - go - nha. Tra - ba - lhar!

VERSOS DE *Adolfo Portela*

(CONTEMPORÂNEO)

3. — Na escola

Marcial



So - mos um ban - do de pas - sa - ri - nhos; vi - mos a -



go - ra dos nos - sos ni - nhos. A - sas sem pê - nas, po - bres de



nós! o - lhos sem bri - lho, lín - guas sem voz.

Somos um bando
de passarinhos ;
vimos agora
dos nossos ninhos.
Asas sem pênas,
pobres de nós !
Olhos sem brilho,
línguas sem voz.

Olhos bondosos
do mestre-escola,
fartai os nossos
da vossa esmola.
Dai-nos abrigo
no coração ;
dai-nos o trigo
do vosso pão.



Pão de ventura,
pão de riqueza,
manjar de beijos
na nossa mesa.
Farinha rara,
de estimação,
tem o fermento
do coração.

Portais da escola,
dai arribada
às cotovias
da madrugada.
Asas sem geito,
línguas sem voz,
almas ceguinhas,
pobres de nós !

Adolfo Portela
(CONTEMPORÂNEO)

4. - Não saber ler

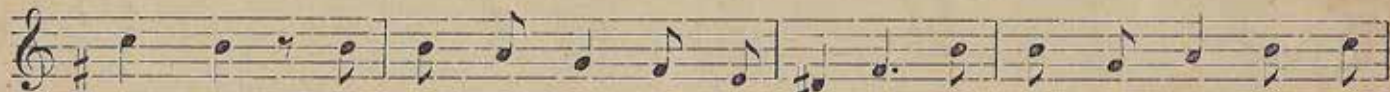
Andantino



Não sa - ber ler é an - dar por ês - te mundo ás es -



cu - ras; é ser a mais in - fe - liz de tô - das as cri - a -



tu - ras. *p* O pen - sa - men - to do ho - mem, desde que um di - a pen -



sou; co - mo vi - veu pe - la Ter - ra, os tra - ba - lhos que pas - sou;

Não saber ler é andar
por êste mundo, ás escuras ;
é ser a mais infeliz
de tôdas as criaturas.

O pensamento do homem,
desde que um dia pensou ;
como viveu pela Terra,
os trabalhos que passou ;

o seu colossal estudo
de centos, de milhares de anos,
que enche de orgulho a noss'alma,
que enche de mêdo os tiranos ;

as suas altas conquistas
na Bondade e na Moral,
que abriram no peito humano
um Amor Universal ;

tudo o que viu e que vê,
que analisa, estuda e sonda,
para que todos o saibam,
é escrito em letra redonda.

E ver... e não saber ler...
é viver dentro de um pego ;
é ser rico e andar à esmola,
é, tendo vista, ser cego !

Marcelino Mesquita

(CONTEMPORÂNEO)

5. — A instrução

Lento



A *pri - ma - ve - ra* nas al - mas ge - ra, mes - mo na fe - ra,



poe - sia e a - mor... Tal a ins - tru - ção na cri - an - ci - nha,



que é qual lou - ri - nha se - a - ra ou vi - nha, par - rei - ra em flor.

A *primavera*
nas almas gera,
mesmo na fera,
poesia e amor...
Tal a instrução
na criancinha,
que é qual lourinha
seara ou vinha,
parreira em flor.

O ardente *estio*
viça o baldio,
ri no pastio,
traz luz, calor...
Tal a instrução
nos pequeninos,
quais outros sinos
que cantam hinos
da alva ao sol-pôr.

O calmo *outono*
é grato ao sono,
dá mosto ao dono,
uva ao lagar...
Tal a instrução
de baixo a cima,
que é qual vindima,
que alegre e anima,
baila ao luar.

O frio *inverno*
lembra o paterno
braseiro terno,
com chama e ardor...
Tal a instrução
na criancinha,
que é luz quentinha,
que é uva e vinha,
que é parra e flor.

Gomes Leal

(Contemporâneo)

6. - As erianças

Allegro



Re - pe - le alguê - m do Mes - tre, bru - tal - men - te, os loi - ros que ru -
dei - xai - os vir a mim. Eu sou cei - fei - ro que na - da per - de e os



bins de ros - tos fi - nos. *p* Mas o sá - bio Ra - bi lhes diz, cle - men - te: *f* «Dei -
mun - dos vem cei - far: fe - liz de quem co - mo ês - tes é ras - tei - ro; ai



xai - os vir a mim, os pe - que - ni - nos; el, que os mo - les - tar!»
da - que - le, cru -

VERSOS DE *Gomes Lial*

(CONTEMPORÂNEO)

7. — Gamões

Pouco alegre



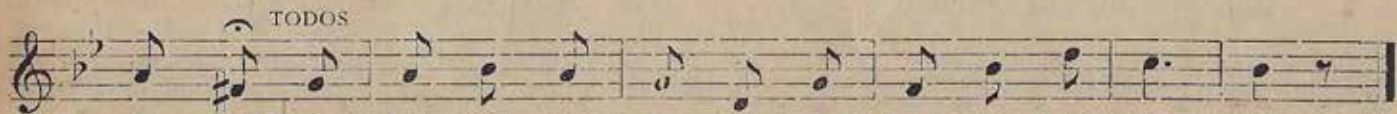
Ca - môes, compa - ra - do aos mais es - cri - to - res, nem entre os mai-
 Qual dê - les deu bra - do com tan - tos pri - mo - res, tais fru - tos e



o - res foi sem - pre i - gua - la - do. Com gra - ças tam fi - nas, sci -
 flô - res de en - ge - nho inspi - ra - do? e



ên - cia ta - ma - nha? Es - tân - cias di - vi - nas! Qual dê - les lhe



ga - nha? Os mais são co - li - nas, ê - le é a mon - ta - nha.

VERSOS DE *João de Deus* (Século XIX).

8. — Os Lusíadas

Majestoso



Os Lu - sí - a - das es - tão co - mo na ho - ra! Três sé - cu - los e



na - da, nem u - ma le - tra ú - ni - ca a - pa - ga - da! Por - que a



gen - te de - co - ra, e nem os ver - mes co - mem, não



tra - çam, não con - so - mem u - ma o - bra ins - pi - ra - da, su -



VERSOS DE *João de Deus* (SÉCULO XIX).

9. - Portugal

Marcial

Mi - nha ter - ra, quem me de - ra ser hu - mil - de
la - vra - dor, ter o pão de ca - da di - a, ter a
gra - ça do Se - nhor, ca - var - te por mi - nhas
mãos com ca - ri - da - de e a - mor!

Minha terra, quem me dera
ser humilde lavrador,
ter o pão de cada dia,
ter a graça do Senhor,
cavar-te por minhas mãos
com caridade e amor!

Minha terra, quem me dera
ser um poeta afamado,
ter a sina de Camões,
andar nas naus embarcado,
mostrar às outras nações
Portugal alevantado!

Minha terra, quem me dera
poder ver-te dum sertão,
ter-te longe dos meus olhos,
pertinho do coração,
para amar-te mais, podendo,
que me parece que não!

Minha terra, quem me dera
ser um nauta assinalado,
passar trabalhos no mar;
ir à guerra, ser soldado,
dar por ti todo o meu sangue
de português desgraçado!

António Correia de Oliveira

(CONTEMPORÂNEO).

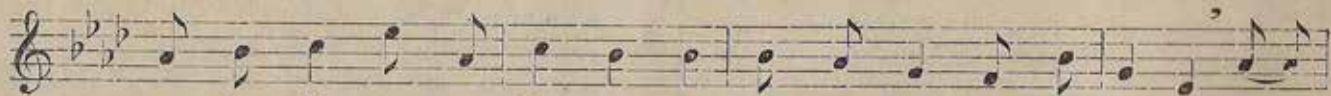


10. — História vulgar

Moderado



— Sen - ta-da ao pé dessa es-qui - na, an-dra - jo - sa, se - mi - nu - a, e não



sen - tes fri - a a ne - bri - na, fri - as as pe - dras da ru - a? — Sinto.



— e E que fa - zes, en - tão, por es - tas noi - tes som - bri - as? — Se-



nhor, esten - do as mãos fri - as, pe - din - do a - ga - sa - lho e pão.

— Sentada ao pé dessa esquina,
andrajosa, seminua,
¿ não sentes fria a nebrina,
frias as pedras da rua?

— Sinto.

— ¿ E que fazes, então,
por estas noites sombrias?

— Senhor, estendo as mãos frias,
pedindo agasalho e pão.

— Aqui é tudo deserto;
alevanta-te da lama,
e procura abrigo certo.

— Não tenho casa nem cama.

— Ergue-te ao menos.

— Não posso;
quebra-me o corpo o cansaço,
a fome prende-me à terra,
o frio tolhe-me o passo.

— Pobre mendiga! ¿ No mundo
não tens carinhos de mãe,
de irmãos o afecto profundo?
Não tens família?

— Ninguém.

— ¿ Pois nesta vida de espinhos
nunca achaste, desgraçada,
a flor dos doces carinhos,
o perfume do amor?

— Nada!

— ¿ E nem às vagas escuras
da vida, mar irrequieto,
num momento de venturas
confiaste o teu affecto?

.....
Não respondes? ¿ Pois não crês,
não tens fé na voz amiga?
Já me não ouves talvez...
Morreste! Pobre mendiga!

Cândido de Figueiredo

(CONTEMPORÂNEO).

11. — Palhaço

Vivo

The musical score is written on a single staff in treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a common time signature (C). The tempo is marked 'Vivo'. The lyrics are written below the notes, with some words split across lines. The score consists of four lines of music. The first line starts with a dynamic marking 'f'. The second line has a dynamic marking 'p'. The third line has a dynamic marking 'p'. The fourth line has a dynamic marking 'p' and a tempo change to 'Devagar'.

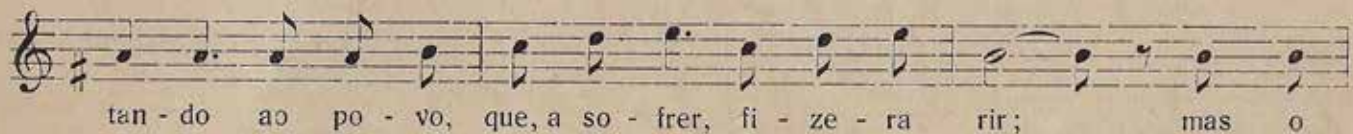
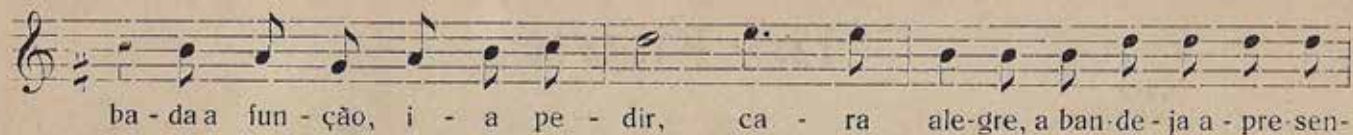
Fa - zi - a con - tor - sões em ple - na pra - ça, sô-bre um
A ca - ra de - for - ma - da, de côr ba - ça, ti - nha os

po - bre ta - pe - te já sem cô - res, dan - do
ri - sos cru - éis das gran - des do - res, que mos -

sal - tos mor - tais, as - sus - ta - do - res, p'ra fa - jun -
tra - vam os hór - ri - dos ri - go - res, que o jun -

zer gar - ga - lhar a po - pu - la - ça.
gi - am ao car - ro da des - gra - ça. *p* A - ca -

Devagar



VERSOS DE *Marco Sire.*

12. — Miséria

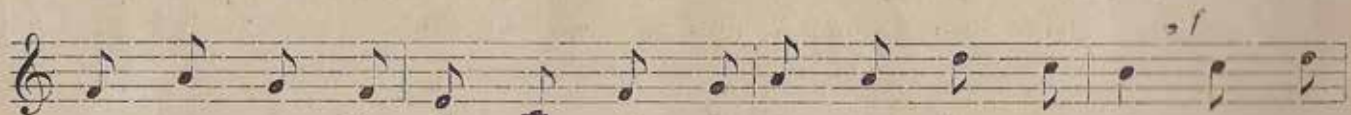
Andante



E - ra já noi - te cer - ra - da, diz o fi-lho:— Ó! mi - nha Mãe, de - bai-



xo da - que - la ar - ca - da pas - sa - va - se a noi - te bem. A ce-



ga, que to - do o di - a ti - nha le - va - do a an - dar, a tais



pa - la - vras do gui - a sen - tiu - se re - a - ni - mar.—

Era já noite cerrada,
diz o filho: — Ó! minha Mãe,
debaixo daquela arcada
passava-se a noite bem. —

A cega, que todo o dia
tinha levado a andar,
a tais palavras do guia
sentiu-se reanimar.

Mas saltam dois cães de gado,
que eram como dois leões:
tinha-os à porta o morgado,
para o guardar dos ladrões.

'A ceguinha, meio morta,
torna o filho: — Ó! minha Mãe,
ali, no vão duma porta,
passava-se a noite bem.

— Se os cães deixarem — diz ela,
a triste num riso amargo.
Com efeito, a sentinela:
— Quem vem lá?... Passe de largo!—

Então, ceguinha e filhinho,
vendo a sua esp'rança vã,
deitaram-se no caminho,
até romper a manhã.

João de Deus

(SÉCULO XIX).



13. — Sonho dourado

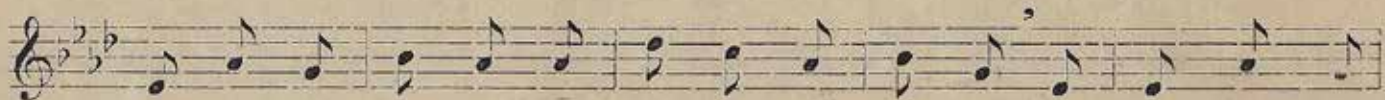
Alegre



— Não vá tam de - pres-sa, que eu fi - co só - zi - nho; vá mais de man-



si - nho, que a gen - te tro - pe - ça por ês - te ca - mi - nho. — Mas,



fi - lho, a - noi - te - ce, e lu - a não te - mos; já quá - si não



ve - mos, de - pois, se es - cu - re - ce, a - qui fi - ca - re - mos.

— Não vá tam de-pressa,
que eu fico sòzinho;
vá mais de mansinho,
que a gente tropeça
por êste caminho.

— Mas, filho, anoitece,
e lua não temos;
já quási não vemos,
depois, se escurece,
aqui ficaremos.

— Eu quero e não posso,
que eu não comi nada;
a mãe, de apressada,
inda antes do almôço
meteu-se à jornada.

— Mas, filho, desterra
já essa lembrança,
que a gente, se alcança
o alto da serra,
depois já não cansa.

— Chegar eu à altura
talvez não consiga,
que a fome me obriga;
mas sinto tontura
de tanta fadiga.

— Ficar num deserto
é um desatino;
tu tam pequenino,
e nós já tam perto
do nosso destino!

— Ah! mãe, que tristeza,
não ter uma choça!
Que a gente não possa,
não falo em riqueza,
mas ter casa nossa!

— Em baixo, na aldeia,
em casa do cura,
se alguém o procura,
tem cana e tem ceia
até com fartura . . .

João de Deus

(SÉCULO XIX).



14. - Esmola

Devagar



U - ma vez à Jo - a - ni - nha, pa - ra a su - a me - ren - di - nha, de - ram -



lhe um bô - lo tam be - lo, que e - la quis lo - go co - mê - lo. Nis - to,



ba - tem à ja - ne - la, truz, truz, truz! E que vê e - la? U - ma



pobre, uma in - fe - liz, que tris - te - men - te lhe diz:

Uma vez à Joanninha,
para a sua merendinha,
deram-lhe um bôlo tam belo,
que ela quis logo comê-lo.

Nisto, batem à janela,
truz, truz, truz! E que vê ela?
Uma pobre, uma infeliz,
que tristemente lhe diz:

— Ai, minha rica menina,
tenha dó de quem se fina,
porque não tem que comer,
nem com que ao filho valer! —

Condoída a Joanninha,
dá o bôlo à pobrezinha:
— Toma, pobrezinha, come;
já alivias a fome. —

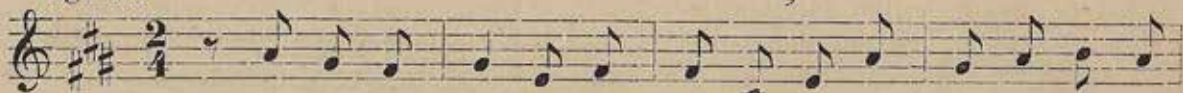
João de Deus

(SÉCULO XIX).



15. — A dor e o prazer

Vagaroso



O co - ra - ção tem dois quar-tos; nê - les mo - ram sem se
Quando o pra - zer no seu quar-to a - cor - da chei - o de ar -



ver, num a dor, nou - tro o pra - zer. Cui - da -
dor, no seu, a - dor - mece a dor.



do, pra - zer, cau - te - la!... Fala a e ri, mas de - va - gar, não vás



a dor a - cor - dar não vás a dor a - cor - dar.

VERSOS DE *Antero do Quental* (SÉCULO XIX).

16. — A escola

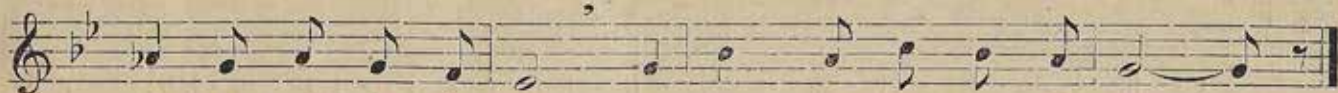
Majestoso



A pri - ma - ve - ra tem hi - nos, rel - vas, flo - rês, fo - go e
 A es - co - la é pró - vi - do ni - nho, a es - co - la é tem - plo de a -



luz. Os po - bres e os pe - que - ni - nos ^p a -
 mor; lhe dão luz, vi - da e ca - ri - nho a



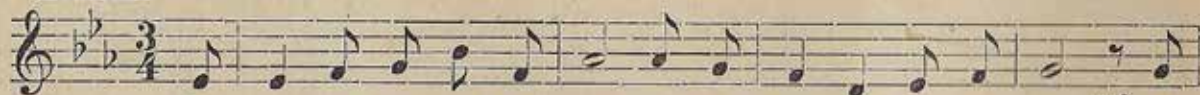
ma - va - os mui - to Je - sus a - ma - va - os mui - to Je - sus.
 Pá - tria, as mães, o Se - nhor a Pá - tria, as mães, o Se - nhor...

VERSOS DE *Tomás Ribeiro*

(SÉCULO XIX).

17. - Preceitos higiênicos

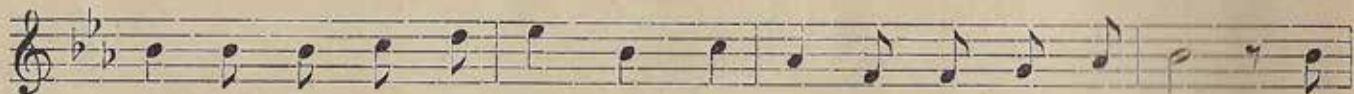
Moderado



Se que-res nu - trir - te bem, co - me sem - pre de - va - gar *mf* e



não en - gu - las co - mi - da, sem mui - to bem mas - ti - gar. Não



co - mas de - ma - si - a - do, fi - lho, não se - jas glu - tão; quem



co - me e be - be de - mais, po - de ter in - di - ges - tão.

Se queres nutrir-te bem,
come sempre devagar
e não engulas comida,
sem muito bem mastigar.

Não comas demasiado,
filho, não sejas glutão;
quem come e bebe demais,
pode ter indigestão.

Se, quando estás a suar,
bebes água muito fria,
corres risco de morrer
de terrível pneumonia.

Deita-te cedo, meu filho,
ergue-te cedo também;
quem assim faz e trabalha,
não vive mal, passa bem.

Bebe pouco ou nenhum vinho,
rejeita sempre aguardente;
quem dêste líquido toma,
por força quer ser doente.

Dos pés até à cabeça,
traze o corpo bem lavado;
quem apenas lava a cara,
não é, por certo, aseado.

A fruta é bom alimento,
quando está sã e madura;
mas verde, faz mal ao ventre,
torna bôta a dentadura.

Respira sempre bom ar,
ar puro, a plenos pulmões;
mas foge do ar encanado,
que produz constipações.

As flôres, plantas, essências,
cujo aroma é de encantar,
no teu quarto não as queiras,
quando te fôres deitar.

Deves usar sempre largo
todo o teu fato e calçado,
pois não gira bem o sangue,
quando o corpo anda apertado.

Ai, que feio, filho, é ver
uma criança a fumar!
Os males que o fumar causa...
nem tu podes calcular.

A louça tôda há-de andar
muito lavada e limpinha,
e, se fôr feita de cobre,
deve andar areadinha;

pois um pingo de vinagre,
ou de sumo de limão,
com o cobre faz veneno,
que nos mete no caixão.

O banho de mar faz bem,
é bom p'ra fortalecer;
mas só se deve tomar,
horas depois de comer.

José Nunes Baptista

(CONTEMPORÂNEO).

18. — Dizeres do povo

Vagaroso



— Os filhos são a riqueza
do pobre, que mais não tem. —
Não ha tesoiro que valha
o filho ao colo da mãe.

— O que arde cura. — Talvez.
Mas a doçura também :
se tens bálamo, não toques
com ferro em brasa em ninguém !

— Antes morte que má sorte. —
Eu não quero a morte, não !
Quero viver . . . e compor
a sorte por minha mão.



— Devagar, que tenho pressa. —
Espalha o bem no caminho :
tanto mais a água rega,
quanto vai devagarinho.

— Pobreza não é vergonha. —
Nem devia ser tristeza :
vergonha é ter, como tantos,
pão alheio em sua mesa . . .

— Quem ara e fia, oiro cria. —
Alta sentença do Povo :
se fez o Portugal velho,
pode fazer outro novo.

António Correia de Oliveira

(CONTEMPORÂNEO).



19. — Trovas populares

Devagar



Tu és som - bra e eu sou sol; qual de



nós se - rá mais qu'rido? Som - bra de v'rão é re -



ga - lo, sol de in - ver - no, a - pe - te - ci - do. Não quer



o sol que o céu an - de às es - cu - ras, um mo - men - to; mor - re o



sol, mas dei-xa ao céu o lu - ar em tes - ta - men - to.

Tu és sombra e eu sou sol;
qual de nós será mais qu'rido?
Sombra de v'rão é regalo,
sol de inverno, apetecido.

Não quer o sol que o céu ande
às escuras, um momento;
morre o sol, mas deixa ao céu
o luar em testamento.

Quando o sobreiro der baga
e a cortiça fôr ao fundo,
só, então, hão-de acabar
as más línguas neste mundo.

Quatro coisas quer o amo
do criado, que o serve:
Deitar tarde, erguer-se cedo,
comer pouco e andar alegre.

Quero cantar, ser alegre,
que a tristeza não faz bem;
inda não vi a tristeza
dar de comer a ninguém.

Ai- Jesus! ai, quem acode
a quem não sabe nadar!
As meninas dos meus olhos,
que se afogam a chorar!

Ó! estrelinha do norte,
espera por mim, que eu vou;
alumia-me o caminho,
já que o luar me enganou.

A cantar ganhei dinheiro,
a cantar se me acabou;
o dinheiro mal ganhado,
água o deu, água o levou.

Não há nada como a morte
p'ra acabar a presunção;
com quatro varas de chita
e sete palmos de chão...

É um regalo na vida
à beira de água morar;
quem tem sede vai beber,
quem tem calma vai nadar.

Tem cuidado, não descubras
o teu segredo a ninguém;
se o dizes ao teu amigo,
o teu amigo outro tem.

Quem tem janelas de vidro
não pode atirar pedradas;
eu fui atirar às vossas,
achei as minhas quebradas.

O coração mais os olhos
são dois amigos liais;
quando o coração está triste,
logos os olhos dão sinais.

Caridade abriu-me os braços,
nêles meus olhos abri;
não tem o mundo outro amparo,
para me emparar a mim.

Se à minha porta faz lama,
à tua faz um lameiro;
não digas mal de ninguém,
olha para ti primeiro.

Este mundo é uma vinha,
cada qual uma latada;
vem a morte e faz vindima,
fica a vinha vindimada.

O pouco que Deus nos deu
cabe numa mão fechada;
o pouco com Deus é muito,
o muito sem Deus é nada.

Tudo o que é verde se seca
na maior zina do v'rao;
tudo o que seca, renova,
só a mocidade não.

20. — Provérbios de Salomão

Grave

The musical score is written on three staves in a single system. The first staff begins with a treble clef, a key signature of one flat (B-flat), and a common time signature (C). The tempo marking 'Grave' is placed above the first staff. The lyrics are written below the notes. The second staff includes the dynamic marking 'p' (piano) at the beginning and 'CRESC.' (crescendo) above the middle. The third staff includes the dynamic marking 'DIM.' (diminuendo) above the middle. The piece concludes with a double bar line.

p Vi - gi - ai, diz Sa - lo - mão, noi - te e
 di - a o co - ra - ção... que é de - le que nos pro - vêm to - do o
 mal e to - do o bem to - do o mal e to - do o bem.

Bom provérbio, bom ditado,
 aquele de Salomão:
 Antes pobre, mas honrado,
 do que rico, mas ladrão.

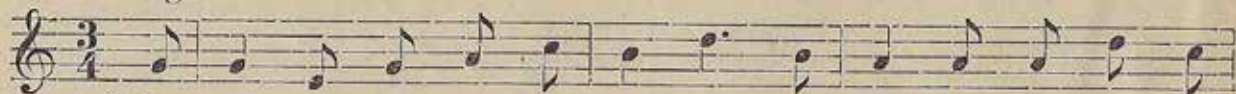
Anda sempre a paciência
 a par da inteligência.
 E ofensas, a nossa glória
 é riscá-las da memória.

O bom nome é um tesoiro,
 como não há outro igual.
 Quanta prata e quanto oiro
 ser-se estimado não vale!

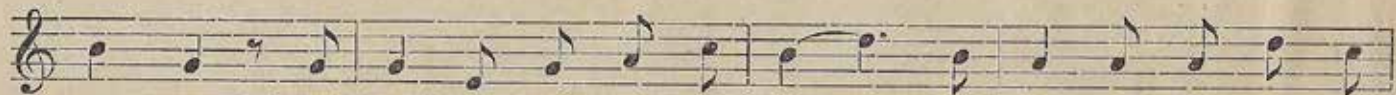
João de Deus (Século XIX).

21. — O melhor vento

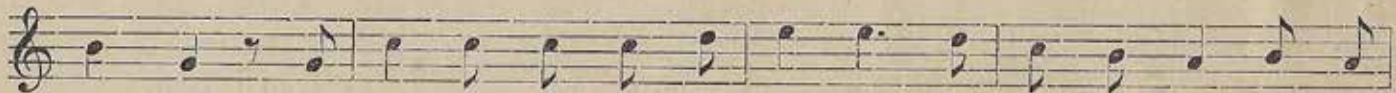
Pouco alegre



p Cor - ri - a lá pe - la al - dei - a di - ta - do, que Deus man-



te - nha: «A quem Deus quer a - ju - dar, o ven - to lhe a - jun - ta a



le - nha». Mu - lher po - bre e pre - gui - ço - sa, que nes - sa al - dei - a mo -



ra - va, ou - viu, gos - tou da sen - ten - ça, ne - la se sen - ten - ci - a - va.

Corria lá pela aldeia
ditado, que Deus mantenha :
«A quem Deus quer ajudar,
o vento lhe ajunta a lenha».

Mulher pobre e preguiçosa,
que nessa aldeia morava,
ouviu, gostou da sentença,
nela se sentenciava.

Não quiz saber se mer'cia,
ou não, que Deus a ajudasse.
Foi à lenha, ao monte, e disse
ao vento que lha apanhasse.

Ora o vento, ao que parece,
tinha lá seu pensamento ;
em vez de a ajuntar, espalha-a,
no que mostrava ser vento.

E a preguiçosa da vélha
(o sol de inverno lhe valha!)
voltou a casa, à noitinha,
sem trazer nem maravalha.

Já se vê, não fêz fogueira
nessa noite de invernia ;
e ao frio que padeceu,
quási de frio morria.

De manhã, lá volta ao monte ;
mas, ao lembrar-lhe a lição,
não espera pelo vento,
ajunta por sua mão.

E depois, dizia ela,
de consolada ao borralho :
«Vento com que Deus ajuda ?
O mais seguro é o trabalho».

António Correia de Oliveira

(CONTEMPORÂNEO).

22. — O cão e a presa

Vivo

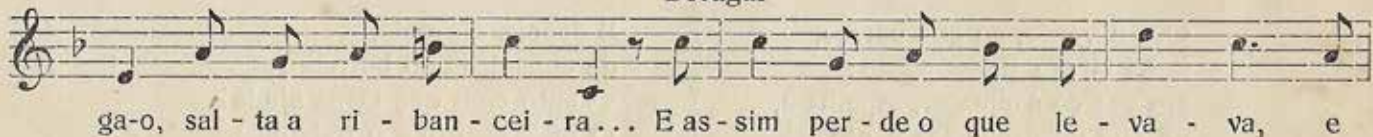


Um cão a - pa - nha um co - e - lho, à



mar - gem du - ma ri - bei - ra; mas, ven - do - o na - que - le es - pe - lho, lar -

Devagar



ga-o, sal - ta a ri - ban - cei - ra... E as - sim per - de o que le - va - va, e



mais o que am - bi - cio - na - va! *p* A - ben - ço - a - da pru -



Um cão apanha um coelho,
à margem duma ribeira;
mas, vendo-o naquele espelho,
larga-o, salta a ribanceira...
E assim perde o que levava,
e mais o que ambicionava!



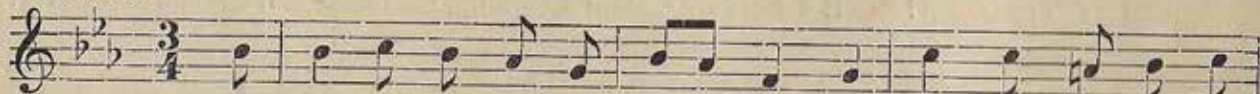
Abençoada prudência!
E é esta a moralidade:
Quantos pela aparência
perdem a realidade!

João de Deus
(SÉCULO XIX).



23. — A raposa e as uvas

Andante



Um di-a, a ra-po-sa es-ta - va de - bai - xo du - ma par-



rei - ra, e, tô - da fo - me e la - zei - ra, às u - vas le - ve sal -



ta - va. Ven - do que lhes não che - ga - va, vai - se e



diz co'os o - lhos ne - las: —«Ver - des, não que - ro co -

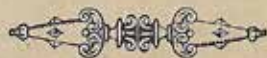


Um dia, a raposa estava
debaixo duma parreira,
e, tôda fome e lazeira,
às uvas leve saltava.
Vendo que lhes não chegava,



vai-se e diz co'os olhos nellas:
— «Verdes, não quero comê-las».
Tu és à raposa igual,
tu das coisas dizes mal,
quando não podes obtê-las.

Curvo Semedo (SÉCULO XVIII).



24. - O ganso

Moderado





cis - nes não tens vis - to, que nun - ca pas - sa - ram dis - to!

Nascera, branco de neve,
 um ganso, e por isso teve
 comichões de cisne ser.
 Com cisnes se vai meter
 a nadar,
 pondo a tratos o pescoço
 curto e grosso,
 para o deles imitar.



Deu-lhe tal volta o miolo,
 que cisne, enfim, se julgou,
 quando apenas alcançou
 ser um ganso muito tolo.

Quantos cisnes não tens visto,
 que nunca passaram disto!

Henrique O'Neill

(Século XIX).



25. — O papagaio

Andante



Lo - quaz pa - pa - gai - o se - ca - va a go -



e - la, *f* sol - tan - do mil gri - tos a u - ma ja - ne - - la.



O - lhou pa - ra a ru - a, por on - de va - ga - va ga -



li - nha de pou - pa, que de - pe - ni - ca - - va.

Loquaz papagaio
secava a goela,
soltando mil gritos
a uma janela.

Olhou para a rua,
por onde vagava
galinha de poupa,
que depenicava.

Na língua das aves,
com ar sup'rior,
lhe deu êstes chascos
o vão palrador:

— Deveras, vizinha,
que podes campar
co'a prenda galante
de cacarejar!

Deixando ironias,
sempre és coisa pouca!
Não tens outro chiste,
senão essa touca.

Depois de defunta,
só causas prazer;
para te comerem,
te dão de comer.

Eu, em alma e corpo,
sou ave excelente.
Não pasmas de ouvir-me
falar como a gente?

— Não pasmo (responde
dos galos a amiga),
vilão carioca,
mordaz duma figa.

Da língua, que alegas,
basófia concebes?
Que importa que a fales,
se não a percebes?

Com isso te abates,
no meu parecer.
Os tolos só dizem
o que ouvem dizer.

Barbosa du Bocage

(Século XVIII).

26. — A águia

Moderado



— "Por - que ta - ma - nhas al - tu - - ras pro -



cu - ras ao ni - nho teu? *p* A á - guia se per - gun -



tu, ao que lo - go res - pon - deu: — "Com meus fi -



lhos es - tou a - li mais per - to do ceu; pois os pre -



VERSOS DE *Henrique O'Neill* (SÉCULO XIX).

27. — As formigas

Andante



X
Cautelosas e prudentes,
o caminho atravessando,
as formigas diligentes
vão andando, vão andando...

Marcham em filas cerradas,
não se separam, espiam
dum lado e do outro, assustadas,
e das pedras se desviam.

Entre os calhaus vão abrindo
caminho estreito e seguro;
aqui, ladeiras subindo,
acolá, galgando um muro.

Esta carrega a migalha,
outra, com passo discreto,
leva um pedaço de palha,
outra, uma pata de insecto.

Carrega cada formiga
aquilo que achou na estrada,
e nenhuma se fatiga,
nenhuma pára, cansada.

Vêde: Emquanto, negligentes,
estão as cigarras cantando,
vão as formigas prudentes
trabalhando e armazenando.

Também, quando chega o frio
e todo o fruto consome,
a formiga, que no estio
trabalha, não sofre a fome.

*Recordai-vos todo o dia
das lições da Natureza:
O trabalho e a economia
são as bases da riqueza.*

Olavo Bilac (BRASILEIRO)

(Contemporâneo).

28. — Primavera

Alegre





res no - - vas e ve - lhas, de fô - lhas ver - des e flo - res, que



dão o mel às a - be - lhas e a - le - gri - a aos la - vra - do - res... *mf* Vem de -



pres - sa, ó! pri - ma - ve - ra, que es - ta - mos à tu - a es - pe - ra!

VERSOS DE *Conde de Monsaraz* (Contemporâneo).

29. — Epigrama

Andante



Um ri - co ve - lho a - va - ren - to, já bem per - to de ex - pi -
 O ta - be - li - ão, cau - sa - do de o seu tem - po em vão gas -



rar, pa - ra fa - zer tes - ta - men - to man - da o ta - b'li - ão cha - mar. Com
 tar, — "Te - nho es - cri - to": diz zan - ga - do; "o res - to? Quei - ra di - tar", — "Dei -



tim - bre de voz rou - fe - nho, diz o ve - lho, a sus - pi - rar: — "Dei - xo
 xo tu - do quan - to te - nho",... O ve - lho tor - na a cho - rar; pá - ra um



tu - do quan - to te - nho",... E não po - di - a a - ca - bar,
 pou - co e diz rou - fe - nho: — "Por - que o não pos - so, le - var",.

VERSOS DE *Xavier de Novais* (SÉCULO XIX).

30. — Violeta

Moderado



" Com tais a - ro - mas, quem su - po - ri - a que és tão mo - des - ta, que mal as -



so - mas à luz do cí - a, nes - ta flo - res - ta! — Pa - ra que en -



ten - das que, as - sim ve - la - das, são nos - sas pren - das mais es - ti - ma - das.



" As al - mas dis - cre - tas são co - mo as vio - le - - - - tas".

VERSOS DE *João de Deus* (SÉCULO XIX).

31. — A rosa

Pouco andante



Eu vi na corrente
boiar uma rosa,
que, fresca e formosa,
da margem caíu.
O zéfiro brando,
por ela passando,
subtil murmurando,
beijou-a e sorriu.

O verde salgueiro,
co'a rama nas águas,
em lânguidas frâguas
bebendo o frescor,
debalde se empenha,
mil traças engenha,
co'a trémula grenha
por ter mão na flor.



Mas essa, correndo,
lá foge e não pára
na veia tam clara
do arroio veloz;
lá foge e se esconde,
já vai não sei onde.
Clamei, nem responde
das brizas a voz.

Assim são os sonhos
felizes da vida:
na onda esquecida
dos tempos se vão.
Buscamos retê-los...
baldados anelos!
Lá fogem tam belos,
são só ilusão.

A. de Serpa (Contemporânea).



32. — Escolha de flores

Moderado



U - ma flor me fez pre - sen - te de três flo - res de - li -



ca - das, tô - das di - ver - sas nas cô - res, nas be - le - zas va - ri -



a - das. — Qual de nós (me dis-se a es - pon - ja, que pri - mei - ro a voz er -



gueu), qual de nós te a - gra - da mais, o jas - mím, a ro - sa ou eu?

Uma flor me fez presente
de três flores delicadas,
tôdas diversas nas côres,
nas belezas variadas.

— Qual de nós (me disse a esponja,
que primeiro a voz ergueu),
qual de nós te agrada mais,
o jasmim, a rosa ou eu?

— Para falar-te a verdade,
tenra flor (lhe respondi),
não simpatizo contigo,
não gosto nada de ti.

Prezem outros, muito embora,
teu aroma lisonjeiro;
não me agrada a tua côr,
mortifica-me o teu cheiro.

— E a qual de nós (disse a rosa)
preza mais teu coração?
Anda, fala sem reboço,
dize a tua opinião.

— Conheço bem (lhe tornei)
que te fazem mil favores,
que és rainha e tens o scetro
do grande império das flores.

Tens bela côr, grato aroma
e outras graças imortais;
mas ainda há outra flor,
que me agrada muito mais.—

Amarela, como a esponja,
de raiva a rosa ficou,
e o jasmim, envergonhado,
a côr da rosa tomou.

— Eis aí porque te estimo
(para o jasmim disse então);
a tua amável candura
encanta o meu coração.

És o emblema da inocência,
tens a côr da singeleza;
outra flor igual a ti
não criou a Natureza.

Silveira Malhão

(Século XIX).

33. — Lágrima

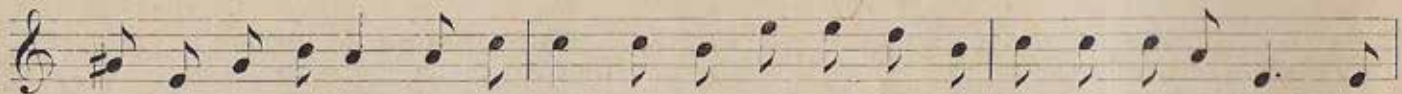
Largo



De - pois do in - cen - dio, a mãe ti - nha nos bra - ços um fi - lho mo - ri -



bun - do, nos o - lhos u - ma lá - - gri - ma... Se - nhor, de quan - to, nes - te



mun - do e por ês - ses es - pa - ços, sur - tiu ao teu a - len - to cri - a - dor, não



há na - da mai - or do que es - sa lá - gri - ma do poe - ma do a - mor!

VERSOS DE *Bulhão Pato* (SÉCULO XIX).

34.—Mãe dolorosa

Lento



Do sol o ex-tre - mo bri - lho nas on - das já des - mai - a, e a
 "Se - nhor, por - que foi is - to? Que mal te ha - vi - a eu fei - to, pa -



mãe em po - bre sai - a es - con - de o mor - to fi - lho. *p* Os
 ra ar - ran - car - me ao pei - to o meu fi - lhi - nho, ó! Cris - to? Ni -



o - lhos ra - sos de á - gua de - pois sô - bre ê - le fi - ta, e o
 nho que foi dis - per - so, ai, nun - ca se re - no - va; pa -



lá - bio se lhe a - gi - ta nes - ta ex - pres - são de má - goa:
 ra se en - cher a co - va, fi - ca va - zi - o o ber - ço....

VERSOS DE *Guilherme Braga* (SÉCULO XIX).

35.—O filho morto

Vagaroso



No po - vo da-lêm da ser - ra, vai a noi-te em mais de mei - o, *p* e a



po - bre da mãe ve - la - - va, u - nin - do o fi - lhi-nho ao sei - o. "A -



cor - da, meu fi-lho, a-cor - da, *p* que ês-se dor-mir não é teu; é



co-mo o so - no da mor - te, o so - no que a tí des - ceu.

No povo dalêm da serra,
vai a noite em mais de meio,
e a pobre da mãe velava,
unindo o filhinho ao seio.

«Acorda, meu filho, acorda,
que êsse dormir não é teu;
é como o sono da morte,
o sono que a ti desceu.

«Tarda-me já um sorriso
nos teus lábios de rubim;
acorda, meu filho, acorda,
sorri-te ledo p'ra mim.»

Mas o pobre doentinho
em seu regaço expirou;
e a mãe o cobriu de beijos,
e largo tempo chorou.

Em seu pequeno jazigo
dois dias chorou também;
ao terceiro, o sino triste
dobrou à morte de alguém.

E à noite, no cemitério,
outro jazigo se via:
Era a mãe, que ao pé do filho,
na sepultura dormia.

Soares de Passos

(SÉCULO XIX).



36.—No esquite duma criança

Lento

p sempre



Dor - me! ...
So - nna! ...

Dei - xá - la dor - mir!
Dei - xá - la so - nhar!

Na
'A



fi - ta se - mi - a - ber - ta dos lá - bios des - cò - ra - di - tos,
mei - a luz en - trea - ber - ta dos o - lhos des - mai - a - di - tos,



an - da - lhe o pai a sor - rir.
an - da - lhe a mãe a brin - car.

Cui - da - do, se e - la des -
Cui - da - do, se e - la des -



per - - - ta dês - ses mun - dos in - - fi - ni - - tos dês - ses
per - - - ta dês - ses mun - dos in - - fi - ni - - tos! ... Os



37.— A avó

Pouco alegre



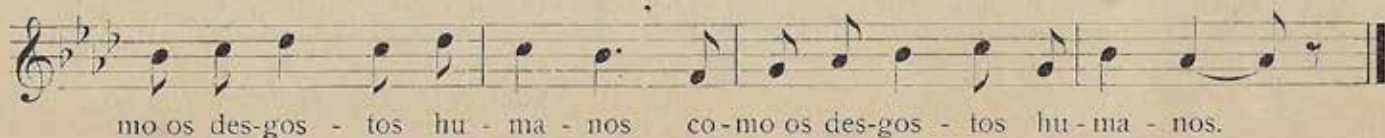
A a - vó, que tem oi - ten - ta a - nos, es -



tá tam fra - ca e ve - lli - nha.... te - ve tan - tos de - sen -



ga - nos! Fi - cou bran - qui - nha, bran - qui - nha, co -



mo os des-gos - tos hu - ma - nos co-mo os des-gos - tos hu - ma - nos.

A avó, que tem oitenta anos,
está tam fraca e velhinha...
teve tantos desenganos!
Ficou branquinha, branquinha,
como os desgostos humanos.

Hoje, na sua cadeira,
repousa pálida e fria,
depois de tanta canseira,
e cochila todo o dia,
e cochila a noite inteira.

As vezes, porêm, o bando
dos netos invade a sala.
Entram, rindo e papagueando;
êste briga, aquele fala,
aquela dança, pulando...

A velha acorda, sorrindo,
e a alegria a transfigura;
seu rosto fica mais lindo,
vendo tanta travessura
e tanto barulho ouvindo.

Chama os netos adorados,
beija-os e, trémulamente,
passa os dedos engelhados,
lentamente, lentamente,
por seus cabelos dourados.

Fica mais moça e palpita
e recupera a memória,
quando um dos netinhos grita:
«Ó! vóvó, conte uma história!
conte uma história bonita!»

Então, com frases pausadas,
conta histórias de quimeras,
em que há palácios de fadas,
e feiticeiras, e feras,
e princesas encantadas...

E os netinhos estremecem,
os contos acompanhando,
e as travessuras esquecem,
até que, a fronte inclinando,
sôbre o seu colo adormecem...

38.—Mães

Majestoso



No - bres mães, que mos - trais, or - gu - lho - sas, os fi -



lhi - nhos num ges - to sem par, *f* al - to er - guei es - sas fron - tes for -



mo - - - sas. Com Deus mes - mo heis - de vós pre - pa - rar



o por - vir, que em si - lên - cio ger - mi - - - na. Ve - lai,

mães, pe - la flor pe - que - ni - na; pois à gló - ria, que a Pá - tria í - lu -

mi - na, dais a cha - ma no can - to do lar.

Nobres mães, que mostrais, orgulhosas,
 os filhinhos num gesto sem par,
 alto erguei essas fronte formosas.
 Com Deus mesmo heis-de vós preparar
 o porvir, que em silêncio germina.
 Velai, mães, pela flor pequenina;
 pois à gloria, que a Pátria ilumina,
 dais a chama no canto do lar.

Mendes Lial

(SÉCULO XIX).

39.—Aos filhos

Lento



Reparai naquele berço,
afogado, pequenino,
onde jaz, no sono imerso,
aquele róseo *bambino*.

Junto ao seu filho querido
senta-se, orgulhosa, a mãe,
a pensar, atento o ouvido,
não venha acordá-lo alguém...

Que nem o mais leve insecto
perpasse pela cabeça
dêsse tenro amor dilecto,
com mêdo que êle estremeça!

Acorda? Já ela, aflita,
não sabe o que há-de fazer;
se o pequeno chora ou grita,
já pensa que vai morrer.

É que só ela é que sabe
apreciar quanto vale
um affecto, que só cabe
no coração maternal.

Que imenso amor, que doidice!
Ó! filhos, vós não pagais,
nem que de rastos vos visse,
um beijo de vossos pais.

Simões Dias

(Século XIX).



40.—Amor filial

Alegre



Rom - peu a au - ro - ra es - plên - di - da. Sol - tam as



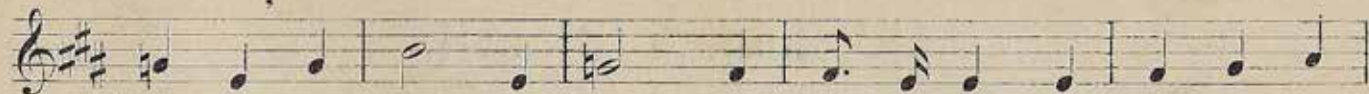
a - - ve - zi - nhas a voz em do - ces cân - ti - cos, *p* e as



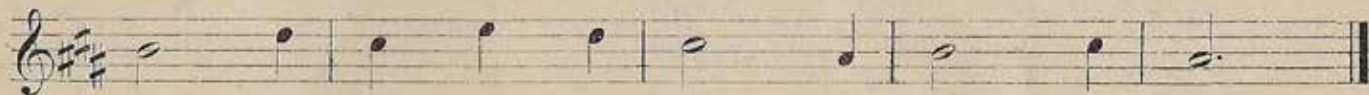
lí - mi - das flo - ri - nh as quam vi - vo a - ro - ma teem! *mf* Em



tu - do, ó! Deus, a - do - ro - te; mas, on - de mais te



ve - jo, é quan - do, em do - ces jú - bi - los de san - to a



mor, eu bei - jo meu Pai e mi - nha Mãe.

Rompeu a aurora esplêndida,
Soltam as avesinhas
a voz em doces cânticos,
e as tímidas florinhas
quam vivo aroma teem!



Em tudo, ó! Deus, adoro-te;
mas, onde mais te vejo,
é quando, em doces júbilos
de santo amor, eu beijo
meu Pai e minha Mãe.

Bulhão Pato

(Século XIX).



41.— Lógica infantil

Moderado



Mi - nha Mãe, ou - vi um di - a *p* - foi quan - do meu pai mor -



reu - que a - mor de mãe, co - mo o teu, nes - te mun - do não ha - vi - a, Já



fiz no - ve a - nos, que - ri - da, e às ve - zes, a dor - mi - tar, co -



me - ço a fi - lo - so - far cá nes - tas coi - sas da vi - da.

Minha Mãe, ouvi um dia
— foi quando meu pai morreu —
que amor de mãe, como o teu,
neste mundo não havia.

Já fiz nove anos, querida,
e às vezes, a dormirar,
começo a filosofar
cá nestas coisas da vida.

Quando tu ontem deitavas
o meu pequenino irmão,
e com tam meiga afeição,
sorrindo, nos abraçavas,

eu pensei, vendo os carinhos
dêsse peito maternal,
repartidos por igual
entre os dois loiros filhinhos.

que êste amor, que pôr ti sinto,
muito excede o teu amor.
Não me castigue o Senhor,
se fui vaidoso, ou se minto.

É que tu, Mãe adorada,
tens dois filhinhos; e eu,
para amar, tenho de meu
uma só mãe, e mais nada.

Manuel da Assunção.



42. — Conselhos paternais

Majestoso



Fi - lhos, sê - de li - ais, ho - nes - tos, bons e



cren - tes, co'os fra - cos in - dul - gen - tes, co'os po - bres li - be - rais.



Pou - pai ao tris - te os ais, a pe - na aos i - no - cen - tes, e



mar - chai di - li - gen - tes ao fim a que as - pi - rais. Fa-

dim.

zei por cons - tru - ir no vos - so lar um tem - plo, no a -

cresc.

mor um e - van - ge - lho; e pro - cu - rai se - guir nem

dim.

sem - pre o meu e - xem - plo, mas sem - pre o meu con - se - - lho.

VERSOS DE *Cristóvão Aires* (SÉCULO XIX).



43. — Aquela velha!

Moderado



Fi - ca - ra só com três ne - tos; *p* mor - re - ram de ten - ra i -
E a - in - da vi - ve! O que a - len - ta a - - que - la al - ma a - tri - bu -



da - de: e e - la, vi - ú - va de a - fe - ctos, ven - ceu, re - zan - do, a saú - da - de.
la - da? É a fé, que lhe a - li - men - ta u - ma cren - ça i - na - ba - la - da.



Ah! quem me de - ra ês - se a - len - to, nes - tes com - ba - tes da sor - te! Que



paz pa - ra o pen - sa - men - to! que paz na ho - ra da mor - te!

44. — A enjeitadinha

Andante



— De que cho - ras tu, an - ji - nho? ^{ff} — Te-nho fo - me e te - nho
A tu - a mãe já não vi - ve? — Nun-ca a vi em mi - nha



fri - o, — E só por és - te ca - mi - nho, co - mo a a - ve que ca -
vi - da; an - dei sem-pre as-sim per - di - da, mãe cer - ta - men - te não



fu a - in-da im-plu - me do ni - nho a - in-da im-plu - me do ni - nho!
ti - ve. — És mais fe - liz do que eu, que ti - ve mãe, e mor - reu!

VERSOS DE *João de Deus* (SÉCULO XIX).

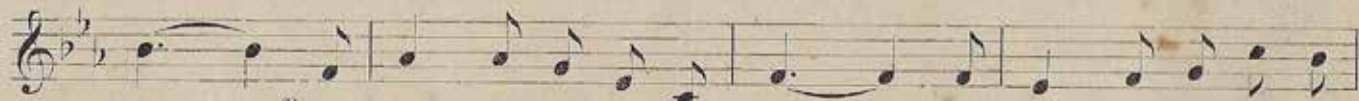
45. — Diálogo

Moderado



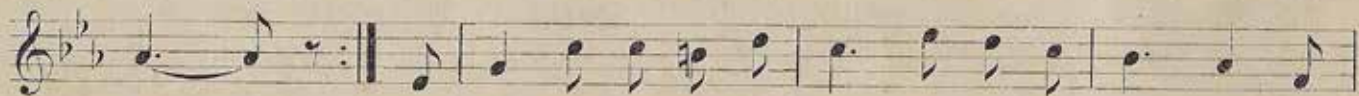
Mais po - bre quem há-de ha - ver?
Me - nos quem é que há-de ter?

Meus pais lá an - dam em
Em ca - sa nem um ti -



vão,
cão, *p* pe - din - do a le - nha e o pão,
nem a bra - sa dum car - vão,

de por - ta em por - ta a ba -
com que se pos - sa a que -



ter.
cer...

— In - da mais po - bre sou eu, sen - do tam ri - ca - vê



lá - que tu - do o que vês é meu.

Não te - nho nem pai nem



mãe... Po - bre co - mo eu, nin - guê m há; me - nos do que eu, nin - guê m tem.

— Mais pobre quem há-de haver?
Meus pais lá andam em vão,
pedindo a lenha e o pão,
de porta em porta a bater.

Menos quem é que há-de ter?
Em casa nem um fição,
nem a brasa de um carvão,
com que se possa aquecer.

— Inda mais pobre sou eu,
sendo tam rica—vê lá—
que tudo o que vês é meu.

Não tenho nem pai nem mãe...
Pobre como eu, ninguém há;
Menos do que eu, ninguém tem.

Alfredo da Cunha
(Contemporâneo).

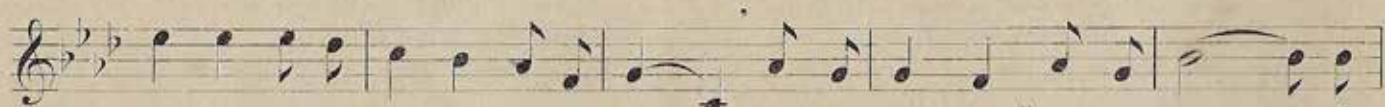


46. — O órfão

Andante



Vir ao mun - do e não ter mãe / per - cor - rer o mun-do in-



tei - ro / sem um lá - bio ma - ter - nal, que nos di - ga: *p* "Fi - lio, vem!" / É



co - mo ser fo - ras - tei - ro / na pá - tria ter - ra na - tal. *mf* E di -
Ver os



zer que, ha - ven - do / De - us, fon - te de i - men - sa pie - da - de, / lá
lí - rios das cam - pi - nas, to - dos chei - os de a - le - gri - a, e



cri - an - ci - nhas seu ber - ço / e al - mas sem ca - ri - da - de! / Ser
tan - tas mãos pe - que - ni - nas sem o pão de ca - da di - a!



ór - fão, não ter na vi - da a - qui - lo que to-dos tem! É co-mo a a - ve sem



ni - nho... é qual se - men - te per - di - da, que, ao vol - tar do seu ei -

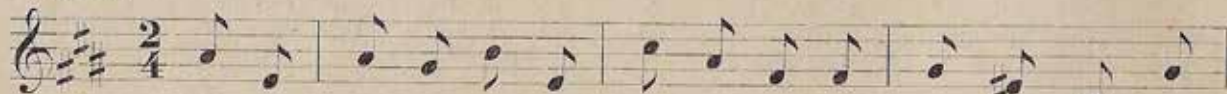


ra - do, o la-vra-dor des-cui - da - do dei-xou tom-bar no ca - mi - nho.

VERSOS DE *Guerra Junqueiro* (Contemporâneo).

47. — O sonho do mendigo

Andante



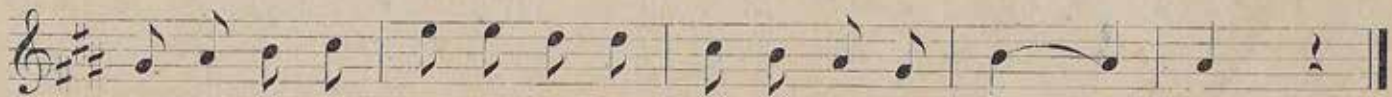
Mi - nha Ma - mã, bem de - se - jo re - ve - lar - te o meu se -



grê-do, "mas, que quer's! es - tou com mê-do... mê-do, não, tal - vez com pe - jo.



Foi o caso; Es - ta ma - nhã, a - pe - nas rom-peu a au - ro - ra, se - gui



pe - los cam - pos fo - ra, co - mo qual-quer al - de - ã.

Minha Mamã, bem desejo
Revelar-te o meu segredo;
mas, que quer's! estou com medo...
medo, não, talvez com pejo.

Foi o caso: Esta manhã,
apenas rompeu a aurora,
segui pelos campos fora,
como qualquer aldeã.

Na ladeira dum valado,
junto à estrada, sem abrigo,
um pequenino mendigo
no chão encontrei deitado.

Dormia a sorrir. De leve
tomei-lhe as mãos pequeninas.
Ai, Mamã, não imaginas
como eram frias de neve!

Veio-me logo à lembrança
êste horrível pensamento:
— Se dormiria ao relento
aquela infeliz criança.

▼ A contrastar, nas ramadas,
♦ ao morno calor dos ninhos,
♦ os bandos de passarinhos
♦ cantavam às gargalhadas.

♦ O triste, tendo acordado
♦ aos meus ligeiros desvelos,
♦ foi abrindo os olhos belos,
♦ ficou a olhar-me espantado.

♦ — Que fazes aqui? disse eu,
♦ vendo-lhe a angústia sem nome.
♦ — O que faço? Engano a fome
♦ a dormir, me respondeu.

♦ — Quando, vazia a sacola,
♦ me viste a dormir na estrada,
♦ sonhava com linda fada,
♦ que vinha dar-me uma esmola.

♦ Mas, quem nos sonhos se fia
♦ ante esta verdade crua?
♦ A fome, vês, continúa;
♦ sempre a sacola vazia...

▼ Se a fada és tu, que risonhos
♦ fôros tens de dadivosa? —
♦ Calou-se; eu quis, orgulhosa,
♦ firmar-lhe a crença nos sonhos.

♦ Quis demonstrar-lhe à porfia,
♦ duma forma alevantada,
♦ que não só viera a fada,
♦ como a esmola lhe trazia.

♦ Mamã, tu já percebeste;
♦ de tal propósito em vista,
♦ dei-lhe o anel de ametista,
♦ que nos meus anos me deste.

♦ Andei mal... Peço perdão...
♦ Não mereço os teus emboras...
♦ Mas tu não ralhas?! Tu choras?!
♦ Aprovas a minha acção?!

Cristóvão Aires

(Século XIX)

48.— O palácio da Virtude

Majestoso



No palácio da Virtude
há três irmãs a morar:
Fé, Esp'rança e Caridade,
cada qual no seu andar.

No primeiro, a Caridade,
de olhos pousados no chão,
enche o regaço de flores
a todos quantos lá vão.

No segundo, mora a Esp'rança,
esp'rando, de olhos no mar,
a galeja da Ventura,
que deve estar a arribar.

No terceiro, a Fé habita,
envolta no seu mantéu,
erguendo o olhar às estrêlas,
que lhe sorriem do céu.

No palácio da Virtude
há três irmãs a morar:
Fé, Esp'rança e Caridade,
cada qual no seu andar.

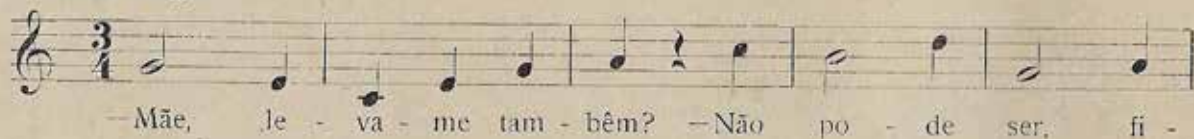
No mirante do palácio,
com varandins para o mar,
andam as almas dos crentes,
encantadas, ao luar.

Adolfo Portela (Contemporâneo).



49. — Gréches

Pouco alegre



VERSOS DE *João de Deus* (SÉCULO XIX).

50.— Lágrima santa

Vagaroso



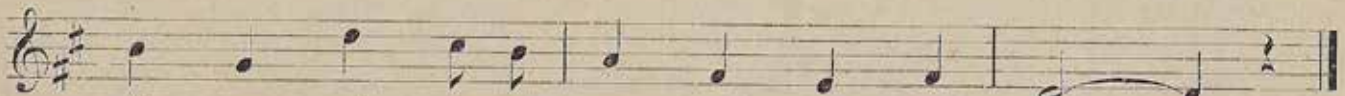
A - cu - din - do à pue - rí - cia na or - fan - da - - - de com so -



lí - ci - to a - mor, u - ma lá - gri - ma san - ta de pie - da - de cai sô - bre



quem é po - bre e pe - que - ni - - - no, *p* co - mo a go - ta de or - va - lho cris - ta -



li - no cai sô - bre a flor cai sô - bre a flor.

VERSOS DE *Bulhão Pafo* (SÉCULO XIX).

51. — Trova

Lento

p Bem ha - - jas, ó! luz do sol, dos

ór - fãos ga - sa - lho e man - to; *mf* i - men - so, e - ter - no fa - rol dês - te

mar lar - go de pran - to dês - te mar lar - go de pran - to!

Bem hajas, ó! luz do sol,
dos órfãos gasalho e manto;
imenso, eterno farol
dêste mar largo de pranto!

Bem hajas, água da fonte,
que não desprezas ninguém!
Bem haja a urze do monte,
que é lenha de quem não tem!

Bem hajam rios e relvas,
paraíso dos pastores!
Bem hajam aves das selvas,
música dos lavradores!

Bem haja o reino dos céus,
que aos pobres dá graça e luz!
Bem haja o templo de Deus,
que tem Sacramento e Cruz!

Bem haja o cheiro da flor,
que alegra o lidar campestre;
e o regalo do pastor,
a negra amora silvestre!

Bem haja o repouso, à sesta,
do lavrador e da enxada;
e a madre-silva modesta,
que espreita à beira da estrada!

Triste de quem der um ai,
sem achar eco em ninguém!
Felizes os que teem pai,
mimosos os que teem mãe!

Tomás Ribeiro

(SÉCULO XIX).



52. — Servidão

Moderado

The musical score is written on four staves in treble clef with a 2/4 time signature. The tempo is marked 'Moderado'. The first staff begins with a dynamic marking of *mf*. The lyrics are written below the notes, with some words split across lines. The piece concludes with a double bar line.

mf Bem ser - vir não é des - prê - zo; o des - prê - zo é des - pre -
Di - zem a - mos dos cria - ados: "Oh! que que - zí - lia! que
zar. O ser - vir não é ver - go - nha; mais ver - go - nha é mal man -
dano!" O que di - rão, os coi - ta - dos, da tris - te - za de ter
dar. O ser - vir é re - la - ção, que en - tre si a gen - te tem; a - té
amo? Há quem vá ser - vir es - tranhos; a fo - me su - jei - ta a esmo, às ve -
a Ter - ra nos ser - ve, a Ter - ra, que é nos - sa mãe.
zes, quem não tem jeí - to p'ra se ser - vir a si mesmo.

VERSOS DE *Antônio Correia de Oliveira* (Contemporâneo)

53. — O avarento

Alegre



Le - van-do um ve - lho a - va - ren - to ti - ma pe - dra - da num
Cer - to dou - tor, não das dú - zias, mas, sim, mé - di - co per -



ô - lho, pôs-se-lhe, no mes-mo ins-tan - te, ta - ma - nho co-mo um re - pô - lho.
fei - to, dez mo - e - das lhe pe - di - a pa - ra o li - vrar do de - fei - to.



"Dez mo - e - das! — diz o a - va - ro, — Meu san - gue não des - per - di - ço.

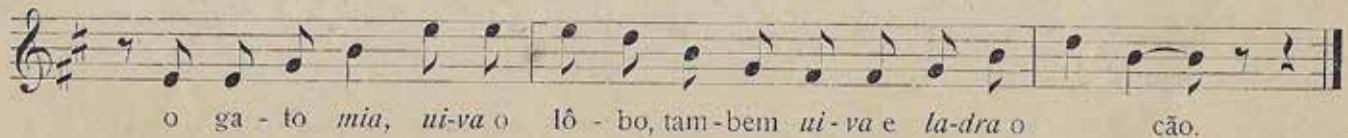


Dez mo - e - das por um ô - lho! O ou - tro dou eu por is - so."

VERSOS DE *Barbosa du Bocage* (Século XVIII).

54. — Vozes de animais

Pouco alegre



Palram pêga e papagaio,
e *cacareja* a galinha,
os ternos pombos *arrulham*,
geme a rôla inocentinha.

Muge a vaca, *berra* o touro,
grasna a rã, *ruge* o leão,
o gato *mia*, *vira* o lóbo,
também *viva* e *ladra* o cão.

Relincha o nobre cavalo,
os elefantes dão *urros*,
a tímida ovelha *bata*,
zurrar é próprio dos burros.

Regouga a sagaz raposa,
brutinho muito matreiro;
nos ramos *cantam* as aves,
mas *pia* o mocho agoureiro.

Sabem as aves ligeiras
o *canto* seu variar;
fazem *gorgeios* às vezes,
às vezes põem-se a *chilrar*.

O pardal, daninho aos campos,
não aprendeu a *cantar*;
como os ratos e as dôinhas,
apenas sabe *chiar*.

O negro corvo *crocota*,
zune o mosquito enfadonho,
a serpente no deserto
solta *assobio* medonho.

Chia a lebre, *grasna* o pato,
ouvem-se os porcos *grunhir*;
libando o suco das flores,
costuma a abelha *zumbir*.

Bramam os tigres, as onças,
pia, *pia* o pintainho,
eucurila e *canta* o galo,
late e *gane* o cachorrinho.

A vitelinha dá *berros*,
o cordeirinho *balidos*,
o macaquinho dá *guinchos*,
a eriancinha *vagidos*.

Pedro Denis

(Século XIX).

55. — De madrugada

Moderado



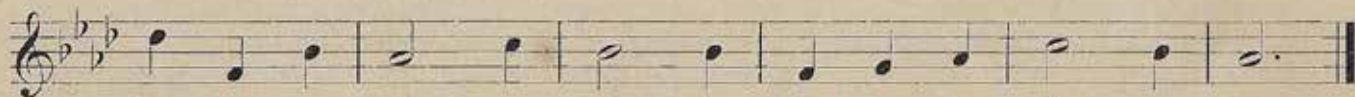
p Veni re - flo - rin-do a au - ro - ra. A voz do rou - xi -



nol, mais ins - pi - ra - da a - go - ra, sa - ú - da a luz do



sol. *mf* No bos - que as a - ve - zi - nhas sol - tam os lí - nos seus; *p* no



ber - ço as cri - an - ci - nhas re - zam tam - bém a Deus.

Vem refflorindo a aurora,
A voz do rouxinol,
mais inspirada agora,
saúda a luz do sol.

No bosque as avezinhas
soltam os hinos seus;
no berço as criancinhas
rezam também a Deus.

«Por minha mãe, por ela,
e por meu pae, Senhor!
Dai-lhes propícia estrêla,
glória, ventura, amor.

Cercai de mil delícias
a sua vida, emfim,
como êles de carícias
me teem cercado a mim.

As preces da inocência
no céu ouvidas são,
e a minha, ó! Providência,
parte do coração;

parte ao florir da aurora,
co'a voz do rouxinol,
que se desprende agora
saüdando a luz do sol.



Bulhão Pato

(Século XIX).

56. — Alvorada no campo


Majestoso



mf No re - mo - to ca - sal, do ci - mo da co -



li - - na, o ga - lo sol - ta a voz vi - bran - te e cris - ta -



li - na. *f* A ca - lian - dra a can - tar, da a - bo - ba - da a - zu -



la - da, a - nun - ci - a tam - bêm a pró - xi - ma al - vo - ra - - - da.

No remoto casal, do cimo da colina,
o galo solta a voz vibrante e cristalina.

A calhandra a cantar, da abóbada azulada,
anuncia também a próxima alvorada.

Vivo, mas criador, o límpido nordeste
meneia a ramaria do pinheiral agreste.

Na aldeia, aqui e além, metem o pão tendido —
remédio da semana — aos fornos em brasido.

▼
◆
◆
◆
◆
◆
◆
◆
◆
▲
Aguilhada na mão, o tardo lavrador
leva pela azinhaga o carro gemedor.

◆
◆
◆
◆
◆
◆
◆
◆
◆
◆
As ovelhas do bardo e as cabras do curral
rompem a tiliutar, coleando pelo val.

◆
◆
◆
◆
◆
◆
◆
◆
◆
◆
Ao monte, enxada ao ombro, o cavador fragueiro,
a cachopa a bater as pedras do ribeiro,

◆
◆
◆
◆
◆
◆
◆
◆
◆
◆
e o destro maioral, co'a boiada bravia,
lá vão a labutar por todo o santo dia.

Inda estrêlas no céu. Lá vão. Clareia agora;
as sombras a tremer refogem com a aurora.

Bulhão Pato

(SÉCULO XIX).



57. — Sinfonias da madrugada

Alegre



p Lá vem rin-do a au-ro - ra, de lá - bios ro - sa - dos, se -



mean - do ru - bius... e fi - nos or - va - lhos dos de - dos mo - lha -



dos, *mf* nas ur - nas das ro - sas, nos fres - cos va - la - dos, nos cra - vos ra -



ja - dos, nos meus a - le - crins nos meus a - le - crins!

Lá vem rindo a aurora, de lábios rosados,
 semeando rubins...
 e finos orvalhos dos dedos molhados,
 nas urnas das rosas, nos frescos valados,
 nos cravos rajados,
 nos meus alecrins!

O galo atordoia os quintais dos vizinhos,
 como um *fun-gá-gá*;
 e a honrada galinha, escolhendo grãosinhos,
 à trémula prole dos seus pintaínhos,
 com voz de carinhos,
 faz *cá-cá-rá-cá*.

Lá vem rindo a aurora, sem coifa, e de bata
 da côr do lilás...
 Acordam os melros com silvos a mata,
 e os plácidos patos, numa água pacata,
 mergulham a pata,
 grasnando: *Paz! Paz!*

Taful franganito, de crista encarnada,
 faz *qui-qui-ri-qui*.
 Afina a calhandra a sua ária encantada,
 e o grilo modesto, na relva orvalhada,
 com voz delicada,
 aplaude: *Cri! Cri!*

Chocalham os gados descendo a ladeira,
 e o melro marau
 lá furta, à surrelfa, grãositos da eira,
 enquanto a cadela, gentil perdigueira,
 saltando lampeira,
 lhe rosua: *Bau! Bau!*

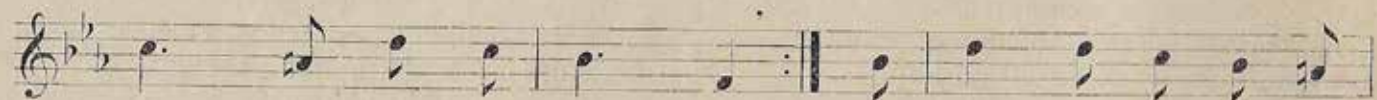
Arrulham as pombas. A Terra, à porfia,
 saúda a manhã.
 E até *Maricotas*, burrinha alvadia,
 unindo-se aos coros em honra do dia,
 zurrou com poesia,
 dez vezes: *Ham! Ham!...*

58. — Andorinhas

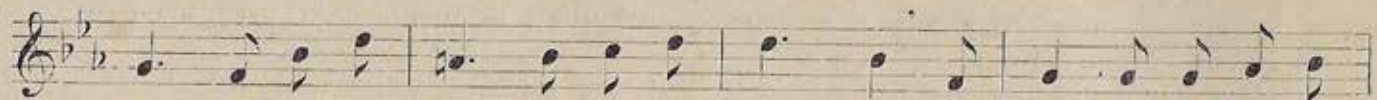
Alegre



Bem - di - - tas, fo - ram che - gan - do as an - do -
e já to do a - le - gre ban - do ao sol re -



ri - - nhas à al - dei - - a, Bei - rais es - co - lhem nas
vo - - a e chil - rei - - a.



ca - sas, cor - rem, doi - das, os ca - mi - nhos; nas fon - tes mo - lham as



a - sas, an - dam na fai - - - na dos ni - - nhos.

Bemditas, foram chegando
as andorinhas à aldeia,
e já todo o alegre bando
ao sol revoa e chilreia.

Beirais escolhem nas casas,
correm, doidas, os caminhos;
nas fontes molham as asas,
andam na faina dos ninhos.

Ao vê-las, brilha, viçosa,
a fôlha nova das faias;
cada silva abre uma rosa,
e florescem as olaias.

A beber a lantejoila
do orvalho, que o sol espelha,
o capuz duma papoila
descerra a bôca vermelha.

Tudo é perfumes, amores;
e suaves alegrias.
«Bons dias», dizem as flôres;
e as aves dizem: «Bons dias».

Ao doente de olhar triste
e já de quem desespera,
gorgeiam: «Tu, que nos viste,
viste em nós a primavera.

Em sombras más te definhas
dum mau sonho que te ilude.
Nós somos as andorinhas
e trazemos-te a saúde».

Banhadas nos raios vivos
do sol, em vales e montes,
dizem aos lírios: «Abri-vos!»
«Cantai-nos!» dizem às fontes.

Fontes que soltam queixumes,
lírios que o sol abençoam,
mandam canções e perfumes
às andorinhas que voam.

59. — A castanheira

Andante

Quem as quer quen - ti - nhas! quem nas quer ta -
ma - nhas! Sa - bo - ro - sas, loi - - ras, in - da a fu - me -
gar! Vin - de cá, fre - guê - ses, mer - cai-me as cas - ta - nhas...
f — Quem as quer quen - ti - nhas! quem nas quer com-prar!

The musical score is written on four staves in a 6/4 time signature. The tempo is marked 'Andante'. The first staff begins with a treble clef, a 6/4 time signature, and a dynamic marking of *f*. The melody consists of quarter and eighth notes, with some notes beamed together. The lyrics are written below the notes. The second staff continues the melody and lyrics. The third staff continues the melody and lyrics. The fourth staff concludes the piece with a double bar line and a dynamic marking of *f*.

Quem as quer quentinhas! quem nas quer tamanhas!
Saborosas, louras, inda a fumegar!
Vinde cá freguêses, mercai-me as castanhas...
— Quem as quer quentinhas! quem nas quer comprar!

A toda a hora e sempre, dias de sol brando,
tardes invernosas, noites de luar,
eis-me no meu pôsto, eis-me apregoando:
— Quem as quer quentinhas! quem nas quer comprar!

Vamos! mãos à obra! Quantas, quantas vezes
a assadeira gira sem jamais parar!
Vêde como estalam! Vinde cá freguêses...
— Quem as quer quentinhas! quem nas quer comprar!

† Pobrezinha vivo, durmo sem receios,
♦ e respondo sempre a quem me requestar:
♦ Não me sobra o tempo para devaneios...
♦ — Quem as quer quentinhas! quem nas quer comprar!

♦ Todo o meu empenho junto ao fogareiro,
♦ tôda a minha ânsia neste labutar,
♦ é vender castanhas, é ganhar dinheiro...
♦ — Quem as quer quentinhas! quem nas quer comprar!

♦ É ganhar dinheiro para a mãe doente,
♦ para os irmãositos, — todos a chorar;
♦ e por isso clamo sempre diligente:
♦ — Quem as quer quentinhas! quem nas quer comprar!

Quem as quer gostosas! quem nas quer tamanhas!
quem as quer loirinhas, inda a fumegar!
Vinde cá freguêses, mercai-me as castanhas...
— Quem as quer quentinhas! quem nas quer comprar!

Sousa Cordeiro

(Século XIX).

60. — Cantigas populares

Lento



Ól - al - ta Ser - ra`das Ne - ves, don - de o pe - ne - do ca -



íu! Nin - guém di - ga o que não sa - be, nem a - fir - me o que não viu. Pe - lo



céu vai u - ma nu - vem, to - dos di - zem: "Bem na vi". To - dos



fa - lam e mur - mu - ram, nin - guém o - lha pa - ra si.

Ó! alta Serra das Neves,
 donde o penedo caíu!
 Ninguê m diga o que não sabe,
 nem afirme o que não viu.

Pelo céu vai uma nuvem,
 todos dizem: « Bem na vi ».
 Todos falam e murmuram,
 ninguê m olha para si.

Em nome de Deus começo,
 em nome de Deus, amen;
 o que em seu nome começa,
 sempre lhe acontece bem.

Água clara já eu fui,
 por minhas mãos me turvei;
 ninguê m diga neste mundo:
 « Desta água não beberei ».

♣ Alegrias e tristezas,
 tudo por mim tem passado;
 ♣ se muito me tenho rido,
 ♣ muito mais tenho chorado.

♣ Não te rias de quem chora,
 ♣ é coisa que Deus ordena;
 ♣ pode a roda desandar,
 ♣ penares da mesma pena.

♣ Com os pássaros do campo
 ♣ eu me quero comparar;
 ♣ andam vestidos de penas,
 ♣ o seu alívio é cantar.

♣ Quero cantar, ser alegre,
 ♣ que a tristeza não faz bem;
 ♣ inda não vi a tristeza
 ♣ dar de comer a ninguê m.

♣ A cantar ganhei dinheiro,
 ♣ a cantar se me acabou;
 ♣ o dinheiro mal ganhado,
 ♣ água o deu, água o levou.

♣ Tem cuidado, não descubras
 ♣ o teu segrêdo a ninguê m;
 ♣ se o dizes ao teu amigo,
 ♣ o teu amigo outro tem.

♣ O pouco que Deus nos deu,
 ♣ cabe numa mão fechada;
 ♣ o pouco com Deus é muito,
 ♣ o muito sem Deus é nada.

♣ É um regalo na vida
 ♣ à beira de água morar;
 ♣ quem tem sêde vai beber,
 ♣ quem tem calma vai nadar.



61. — A novidade

Alegre



Do país da Estultícia
na mais famosa cidade,
espalhou-se esta notícia,
que a todos par'ceu propícia:
«Chegou Dona Novidade».

Todos correram a vê-la;
a admiração era infinda.
Mal assomava à janela,
logo a turba a olhar p'ra ela:
«Ai, que linda! ai, que linda!»

E de vários habitantes
duma classe e doutra classe
choveram, exuberantes,
os pedidos mais instantes,
para que não se ausentasse.

Sensível ao cumprimento,
aquela dama louçã
marcou, sem constrangimento,
entrevista de espavento
para a seguinte manhã.

Chegando a hora aprazada,
—é claro—ninguém faltou;
toda a turba, entusiasmada,
invadiu logo a morada,
onde a bela se hospedou.

A ansiedade se derrama
co'a rapidez da centelha;
'té que, emfim, mostra-se a dama;
porêm, logo a turba exclama:
«Ui! que velha! ui! que velha!»



Sousa Cordeiro

(SÉCULO XIX).

62. — Preguiça

Vagaroso



A Pre - gui - ça, in - da de pei - to, mui - to cus - tou a cri -



ar! *p* Quá - si que mor - reu de fo - me, com pre - gui - ça de ma - mar. *f* Pre -



gui - ça, já cres - ci - di - nha, quan - do por seu pé an - da - va, não e -



ra an - dar, mais par' - ci - a que tô - da se es - pre - gui - ça - va...

A Preguiça, inda de peito,
muito custou a criar!
Quási que morreu de fome,
com preguiça de mamar.

Preguiça, já crecoidinha,
quando por seu pé andava,
não era andar, mais par'cia
que tôda se espreguiçava...

Preguiça foi à lição:
ler, eserever e contar?!
Deixava a memória em casa,
com preguiça de a levar.

Preguiça aprendeu costura;
mas, sempre que costurava,
só para não pôr dedal,
sempre seus dedos picava.

Preguiça, morta de sono,
quási de sono morria;
só por não fechar os olhos,
quantas noites não dormia!

A Preguiça, muito a custo,
fêz a cama e se deitou;
para não mais a fazer,
nunca mais se levantou.

A Preguiça abria a bôca,
coisa em que ela era mais certa;
mas depois, p'ra a não fechar,
ficou sempre «bôca-aberta».

A Preguiça e o Desmazêlo
juntaram-se em casamento,
levando os dois um bom dote:
Uma mão-cheia de vento.

Preguiça teve dois filhos:
oh! que santa geração!
A mais velha, Dona Fome;
o mais novo, Dom Ladrão.

Quando a Preguiça morrer,
até o monte maninho,
até fragedos da serra
darão rosas, pão e vinho.

Antônio Correia de Oliveira

(Contemporâneo).

63. — O preguiçoso

Moderado



p "Fe - liz a bor - bo - le - tal li - vre - men - te vo - a para on - de quer, on - de lhe a -



praz!_n Di - zi - a, la - men - tan - do - se, um ra - paz, na es - co - la ne - gli - gen - te.



mf "Es - tu - dar, es - tu - dar um di - a in - tei - ro... não po - de ha - ver mais du - ro ca - ti -



vei - - - ro._n - Bi - cho da sê - da, po - de - rás di - zer - me se, a -



le-gre es-sa pri - são vais fa-bri - can - do? — Fa-ço-a a-té com pra - zer, res - pon-de o



ver - me; pois cá de den - tro sa - i - rei vo - an - - - do.

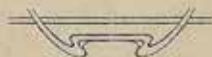
«Feliz a borboleta! livremente
voa para onde quer, onde lhe apraz!»
Dizia, lamentando-se, um rapaz,
na escola negligente.

«Estudar, estudar um dia inteiro...
não pode haver mais duro cativo.»

▼
♦ — Bicho da sêda, poderás dizer-me
se, alegre, essa prisão vais fabricando?
♦ — Faço-a até com prazer, responde o verme;
♦ pois cá de dentro sairei voando.

Azevedo Castelo Branco

(Século XIX).



64. — Trabalhar!

Andante



p. En - tre tan - ta e tan - ta re - za, es - ta re - za é a me -



lhor: Que eu tra - ba - lhe sem tris - te - za, que eu tra - ba - lhe com a -



mor! *mf* Não há ta - re - fas glo - rio - sas, u - mas me - nos, ou - tras mais; to - das



e - las são for - mo - sas, se o a - mor as tor - na i - guais.

Entre tanta e tanta reza,
esta reza é a melhor:
Que eu trabalhe sem tristeza,
que eu trabalhe com amor!

Não há tarefas gloriosas,
umas menos, outras mais;
todas elas são formosas,
se o amor as torna iguais.

O melhor pão é aquele
que se ganhou com cansaço;
seja, embora, duro e escasso,
será mais doce que o mel.

Um pobre rico, scismando,
olha as suas mãos tombadas;
inveja as mãos ocupadas,
que moirejam labutando.

Lá vai um rico enjoado,
deixando o banquete em meio;
ao engulir um bocado,
soube-lhe ao trabalho alheio...

Ó! infinita alegria
de só comer e gozar
o que as mãos, durante o dia,
ganharam a trabalhar!

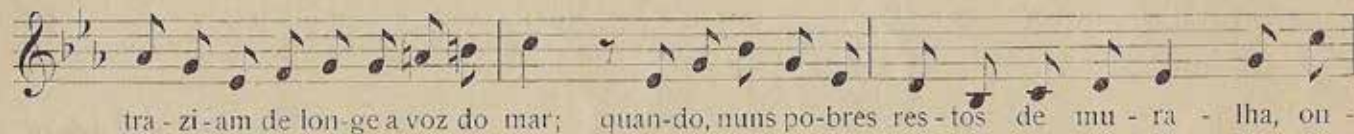
Afonso Lopes Vieira

(Contemporânea).



65. — À luz duma forja

Lento





som-bra do cur-va - do for - ja - dor a som-bra do cur - va-do for-ja-dor.

Eu vinha caminhando a passos lentos,
absorto em mil visões, triste, a sonhar,
ouvindo os ais dos lastimosos ventos,
que traziam de longe a voz do mar;

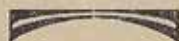
quando, nuus pobres restos de muralha,
onde viceja a madre-silva em flor,
vi tremer, ao clarão duma fornalha,
a sombra do curvado forjador.

Escutei uma voz, que me dizia:
«Vai trabalhar, vai trabalhar também.
Prefere à luz serena da poesia
a luz da forja, que prepara o bem!

Não tens em tudo uma oficina aberta?
Trabalha, pois, e às horas de dormir,
verás também a tua sombra incerta
nos clarões imortais do teu porvir!»

Guilherme Braga

(SÉCULO XIX)



66.—A candeia acesa

Devagar

l' sempre



Hu - mil - de can - dei - a a - ce - sa, em ca - sa do ca - va - dor:



Luz da po - bre - za, bem - di - ta! luz in - fi - ni - ta do A - mor! Vai p'la



noi - te ne - gra a - dian - te um ho - mem, que se per - deu; vê no es - cu - ro u - ma es - tre - li - -



nha, lá tam dis - tan - - te... mas, na ter - ra, não no ceu. E



diz - lhe a va - ga lu - zi - nha: "O-lha p'ra mim e ca - mi - nha; vem



ou-de a mim, que sou eu". E ê-le che-ga à-que-la por - ta, ne - la ba - teu.



Á - bre - se a por - ta, e ei-la a-ce - sa, - pa - re - ce o Sol - em ca - sa do ca - va - dor:



Luz da po - bre - za, bem - di - ta! luz in - fi - ni - ta do A - mor!

VERSOS DE Afonso Lopes Vieira (Contemporâneo).

67.— O que eu amo

Moderado



Eu a - mo os ver - des pra - dos, as co - li - nas e as
Eu a - mo as al - tas va - gas ar - gen - ti - nas, que



ár - vo - res co - pa - das e frou - do - sas; os bran - cos mal - me -
mor - rem so - bre a prai - a ru - mo - ro - sas; as es - trê - las bri -



que - res, as bo - ni - nas e os vi - ri - den - tes cá - li - ces das
lhan - tes, pe - que - ni - nas, e as noi - tes de lu - ar es - plen - do -



ro - - - sas.
ro - - - sas.

mf

Eu a - mo, em - fim, da gran - de Na - tu -



re - za tu - do quan - to pos - sui al - ma e be - le - za e



que de in - fin - do gô - zo o pei - to in - va - de. *f* Mas ou - tro a - mor mais



no - bre e trans - cen - den - te flo - re - ce den - tro em mim, al - ti - vo, in -



gen - te, - o a - mor ao meu Pa - ís e à Li - ber - da - de.

68. — Passarinho solto

Alegre



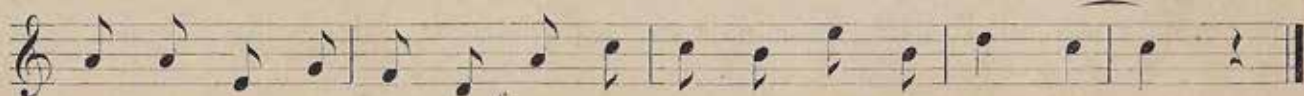
Vo - a, vo - a, pas - sa - ri - nho, go - za em mai - o tu - a i -



da - de: tu - a gai - o - la que - brou - se; vai go - zar da li - ber - da - de.



Po - rêm, ou - vi nes - te bos - que um som en - ga - no - so, a - go - ra: *mf* não te



fi - es da ne - ga - ça; *f* vo - a, vo - a, vai - te em - bo - ra.

Voa, voa, passarinho,
goza em maio tua idade:
tua gaiola quebrou-se,
vai gozar da liberdade.

Porém, ouvi neste bosque
um som enganoso, agora:
não te fies da negaça;
voa, voa, vai-te embora.

Tu não vês o traidor laço,
que do lindo bago pende?
Voa, pobre passarinho,
ou a traição te surpr'ende.

Se aquele bago engulires,
em vão quererás voar;
o laço contém a morte,
e tu vais nele expirar.

Marquesa de Alorna

(Século XIX).



69. — Josèzinho

Pouco alegre

The musical score is written on four staves in G major (one sharp) and 2/4 time. The melody is simple and rhythmic, with lyrics written below the notes. The first staff begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a 2/4 time signature. The lyrics are: "Jo - sè - zi - nho viu um ni - nho e que - dou - se a me - di - Mal pen - sas - te, mal cui - das - te, mal fi - zes - te de o le -". The second staff continues the melody with lyrics: "tar; foi - se ao ni - nho Jo - sè - zi - nho, tra - tou lo - go de o le - var, Jo - sè - zi - nho, que ês - se ni - nho é um ber - ço de em - ba -". The third staff starts with a repeat sign and has lyrics: "var. Jo - sè - zi - nho, de ca - mi - nho, me - di - tan - do ês - te fa -". The fourth staff concludes the piece with lyrics: "lar, foi o ni - nho no ra - mi - nho, co - mo - vi - do, pen - du - rar." The piece ends with a double bar line.

p Jo - sè - zi - nho viu um ni - nho e que - dou - se a me - di -
Mal pen - sas - te, mal cui - das - te, mal fi - zes - te de o le -
tar; foi - se ao ni - nho Jo - sè - zi - nho, tra - tou lo - go de o le -
var, Jo - sè - zi - nho, que ês - se ni - nho é um ber - ço de em - ba -
var. *p* Jo - sè - zi - nho, de ca - mi - nho, me - di - tan - do ês - te fa -
lar, foi o ni - nho no ra - mi - nho, co - mo - vi - do, pen - du - rar.

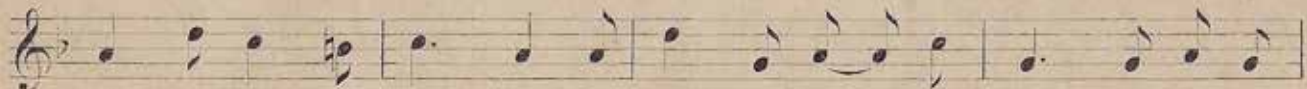
VERSOS DE *Adolfo Portela* (Contemporâneo).

70.—Noite de Natal

Pouco alegre



Noi - te, noi - te de Na - tal, noi - te
 Noi - te, noi - te em que Ma - ri - - a, chei - a
 Quan - tas lu - zes nos al - ta - - res das er -



sô - bre to - das san - ta, i - sen - ta de to - do o mal, fei - ta de
 de gra - ça e de luz, en - tre - gou à luz do di - a o ca - cho -
 mi - das mais mo - des - tas! Que sons a - le - gres nos a - res! Que fes -



pu - - ro cris - tal, noi - te au - gus - ta, sa - cro - san - ta!
 pi - - nho Je - sus, nos - sa luz, nos - sa a - le - gri - a!
 ta em to - dos os la - res! Bo - as fes - tas! bo - as fes - tas!

VERSOS DE *Urbano de Castro* (SÉCULO XIX).

71. — Jesus pequenino

Pouco alegre



Estava Maria
à beira do rio,
lavando os paninhos
de seu beuto filho.

Lavava a Senhora,
José estendia,
chorava o Menino,
com frio que tinha.

Os filhos dos homens
em berço doirado,
e Vós, meu Menino,
em palha deitado!

Em palha deitado,
em palha esquecido ...
filho duma rosa,
dum cravo nascido!

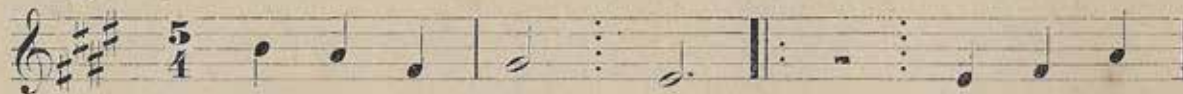
Os filhos dos homens
em berços de flores,
e Vós, meu Menino,
gemendo com dores!

Os filhos dos homens
em bom travesseiro,
e Vós, meu Menino,
preso num madeiro!



72.— Neve

Alegre



A ne - ve é be - - la.

Vis - to de
Mas, quem mais



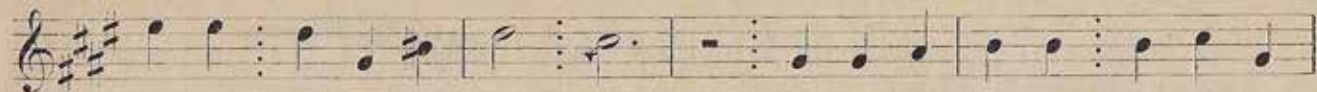
lon - ge, o man - to de - la, tem tan - ta al - vu - ra, que a gen - te
per - to ti - ver cite - ga - do, não gos - ta tan - to e diz de -



de - ve di - zer da ne - ve: Que for - mo - su - ra! Tal - vez tam -
cer - to: Ó! ní - veo man - to, co - mo és ge - la - do!



bem a nós pa - re - ça que fi - cam bem nou - tra ca -



be - ça al - vos ca - be - los. Mas, sê - de fran - cos: Quem é que, ao



tê - los, não diz de - pois: Ca - be - los bran - cos, que fei - os sois?!

A neve é bela,
Visto de longe,
o manto dela
tem tanta alvura,
que a gente deve
dizer da neve:
Que formosura!

Mas, quem mais perto
tiver chegado,
não gosta tanto
e diz de certo:
Ó! níveo manto,
como és gelado!

Talvez também
a nós pareça
que ficam bem
noutra cabeça
alvos cabelos.

Mas, sêde francos:
Quem é que, ao tê - los,
não diz depois:
Cabelos brancos,
que feios sois?!

Celestino Soares.

73. — Balada da neve

Devagar



Batem leve, levemente,
como quem chama por mim.
Será chuva? será gente?...
Gente não é, certamente,
e a chuva não bate assim.

Quem bate assim levemente,
com tam estranha leveza,
que mal se ouve, mal se sente?
Não é chuva, nem é gente,
nem é vento, com certeza.

Fui ver. A neve cafa
do azul cinzento do céu,
branca e leve, branca e fria.
Há quanto tempo a não via!
E que saúdaes, Deus meu!

Olho-a através da vidraça.
Pôs tudo da côr do-linho.
Passa gente e, quando passa,
os passos imprime e traça
na brancura do caminho.

Fico olhando êsses sinais
da pobre gente, que avança,
e noto, por entre os mais,
os traços miniaturais
duns pèzitos de criança.

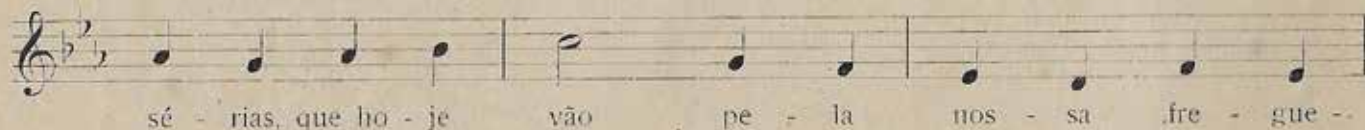
E descalcinhos, doridos...
a neve deixa inda vê-los,
primeiro bem definidos,
depois em sulcos compridos,
porque não podia erguê-los.

Que quem já é pecador
sofra tormentos... enfim;
mas, as crianças, Senhor,
porque lhes dais tanta dor?!
Porque padecem assim?!

E uma infinita tristeza,
uma funda turbação,
entra em mim, fica em mim presa;
cai neve na natureza
e cai no meu coração.

74.—Tristezas de aldeia

Largo



Noutros tempos não havia
as misérias, que hoje vão
pela nossa freguesia;
pois a terra produzia
para todos vinho e pão.

Pelo tempo da segada,
era um gôsto andar a ver
os ceifeiros em bandada
a cantar, de madrugada
até vir o anoitecer.

Retiniam os cantares
por êsses campos além,
entre os milhos, nos linhares,
pelas hortas, nos pomares
e pelas serras também.

A terra, avara de frutos,
nem sequer, às vezes, dá
para pagar os tributos.
Ai, que tristezas, que lutos
agora temos por cá!

Os soutos não dão castanhas.
Causa até imensa dôr,
ver no vale e nas montanhas
umas árvores tamanhas,
mas sem ter algum verdor.

A gente mais esforçada
noutros climas busca o pão;
deixa a fogueira apagada
e parte, como em bandada
as andorinhas se vão.

Vão, como as aves, em bando,
mas são poucos a voltar;
uns a morte vai levando,
outros choram, recordando
o refúgio do seu lar.

Em procura da riqueza
os filhos deixam seus pais.
Quantos acham, — que tristeza! —
em vez da antiga pobreza,
a miséria, que é bem mais!

Azevedo Castelo Branco

(SÉCULO XIX)

*75. — Saúdade

Lento



p Saú - da - de é so-nho que tre - me, saú - da - de é can - to que



cho - ra; é co-mo um bei - jo que ge - me, co-mo um ai que se e - va -



po - ra. Saú - da - de é gô-zo que dói, é pran - to que na al - ma ro - la; é do -



çu - - ra que nos rói, tris - te - za que nos con - so - la.

Saúde é sonho que treme,
saúde é canto que chora;
é como um beijo que geme,
como um ai que se evapora.

Saúde é gozo que dói,
é pranto que na alma rola;
é doçura que nos rói,
tristeza que nos consola.

Não houve ninguém ainda,
que soubesse definir
que é essa tristeza infinda,
que às vezes nos faz sorrir.

Saúde é como que amar
alguém, que foge de nós;
é um como qu'rer cantar
e prender-se-nos a voz.

É ter o coração cheio
de espinhos e de desejos;
é sentir dentro do seio
um punhal, que nos dá beijos.

É dormir sem saber onde,
chorar sem saber porquê,
chamar quem nos não responde,
abraçar quem nos não vê.



António Granjo

(Contemporâneo).

76.— As estações

Andante



Pas - sam do in - ver - no os hor - ro - res, voi - ta o ca - lor, a a - le -



grí - a: *mf* há can - tos de a - ves e flo - res, des - de o pra - do à ser - ra - ni - a.



p Fo - gem, es - que - cem as má - goas, co - mo se nun - ca as hou - ve - ra. Ri o



sol, sus - sur - ram á - guas... Co - mo é lin - da a pri - ma - ve - ra!

Passam do inverno os horrores,
volta o calor, a alegria;
há cantos de aves e flores,
desde o prado à serra.

Fogem, esquecem as mágoas,
como se nunca as houvera.
Ri o sol, sussurram águas...
Como é linda a *primavera!*

Noventa dias passados,
o calor é de rachar;
mas, eis os pães sazonados...
as vinhas vão de encantar.

Belos frutos, sem igual,
nos promete esta estação;
ninguém, pois, nos diga mal
dos três meses de *verão*.

Mas, eis chega a temporada
das belas e úteis colheitas;
é a estação desejada,
em que as vindimas são feitas.

«Uvas! Figos!» As crianças
pedem com gracioso entono;
nas desfolhadas, há danças...
contínua festa é o *outono*.

Mas, por fim, tudo entristece;
nem fôlhas já tem as vinhas.
O sol quási nada aquece...
fugiram as andorinhas;

a chuva as faces açouta,
o frio parece eterno.
O pobre, sem pão nem roupa,
sofre muito no *inverno*.



77. — Três gotas de água

Moderado



Três ir - mãs, três go - tas de á - gua, que o in - fi - ni - to con -



den - sa, su - a mãe, nu - vem do céu, lá da - que - la al - tu - ra i - men - sa des - pren -



deu. Vem u - ma e cai sô - bre a flor, que à min - gua de á - gua mor -



ri - a e, mal a go - ta sen - ti - a, vol - ta - va - lhe o vi - ço e a



côr. Ca - fu ou-tra ao pé dum ni - nho, e um pas - sa - ri - nho be - beu - a; mas



a ter - cei - ra, tom - ban - do no mar, di - zi - a cho - ran - do: "Nes -



tas on - das ar - ro - gan - tes de - sa - pa - re - ço mes - qui - nha". Res -

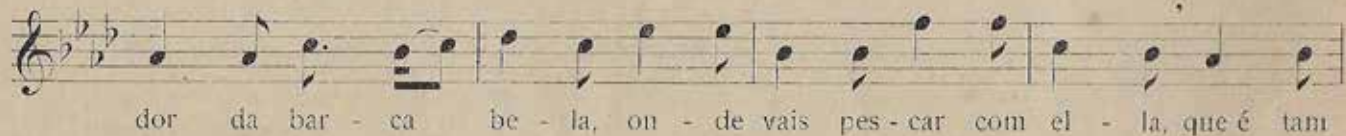


pon-de a on - da ma - ri - nha: "Já sou mai - or que e - ra dan - tes".

VERSOS DE *Afonso Lopes Vieira* (Contemporâneo).

78.— Barea bela

Andante



Pescador da barca bela,
onde vais pescar com ela,
que é tam bela,
ó! pescador?

Não vês que a última estrêla
no céu nublado se vela?
Colhe a vela,
ó! pescador;

Pescador da barca bela,
inda é tempo, foga dela,
foga dela,
ó! pescador.

deita o lanço com cautela,
que a sereia canta bela...
mas cautela,
ó! pescador.

Não te enrede a rêde nela,
que perdido é rêmo e vela,
só de vê-la,
ó! pescador.



Almeida Garrett

(SÉCULO XIX).

79. — Nau Catrineta

Pouco alegre



Lá vem a nau Ca - tri - ne - ta, que tem mui - to que con -
Pas - sa - va mais de a - no e di - a, que i - am na vol - ta do



tar! Lá vem a nau Ca - tri - ne - ta, que tem mui - to que con - tar! Ou -
mar; já não ti - nham que co - mer, já não ti - nham que mau - jar. Dei -



vi - de a - go - ra, Se - nho - res, u - ma his - tó - ria de pas - mar. Ou -
ta - ram so - la de mô - llio, p'ra ao ou - tro di - a jan - tar; Dei -



vi - de a - go - ra, Se - nho - res, u - ma his - tó - ria de pas - mar.
ta - ram so - la de mô - lho, p'ra ao ou - tro di - a jan - tar;

Lá vem a nau Catrineta,
que tem muito que contar!
Ouvide agora, Senhores,
uma história de pasmar.

Passava mais de ano e dia
que iam na volta do mar;
já não tinham que comer,
já não tinham que manjar.
Deitaram sola de mólho,
p'ra ao outro dia jantar;
mas a sola era tam rija,
que a não puderam tragar.
Deitam sortes à ventura,
qual se havia de matar;
logo foi cair a sorte
no capitão general.

— Sobe, sobe, marujinho,
àquêlê mastro rial;
vê se vês terras de Espanha,
as praias de Portugal.
— Não vejo terras de Espanha,
nem praias de Portugal;

♥ vejo sete espadas nuas,
♥ que estão para te matar.
♥ — Acima, acima, gajeiro,
♥ acima ao tope rial!
♥ Olha se enxergas Espanha,
♥ areias de Portugal!
♥ — Alvissaras, capitão,
♥ meu capitão general!
♥ Já vejo terras de Espanha,
♥ areias de Portugal.
♥ Mais enxergo três meninas
♥ debaixo dum iranjal:
♥ Uma, sentada a coser;
♥ outra, na roca a fiar;
♥ a mais formosa de tôdas
♥ está no meio a chorar.
♥ — Tôdas três são minhas filhas;
♥ oh! quem mas dera abraçar!
♥ A mais formosa de tôdas
♥ contigo a hei-de casar.
♥ — A vossa filha não quero,
♥ que vos custou a criar.
♥ — Dar-te hei tanto dinheiro,
♥ que não no possas contar.

♥ — Não quero o vosso dinheiro,
♥ que vos custou a ganhar.
♥ — Dou-te o meu cavalo branco,
♥ que nunca houve outro igual.
♥ — Guardai o vosso cavalo,
♥ que vos custou a ensinar.
♥ — Dar-te hei a nau Catrineta,
♥ para nela navegar.
♥ — Não quero a nau Catrineta,
♥ que não na sei governar.
♥ — Que queres tu, meu gajeiro?
♥ Que alvissaras te hei-de dar?
♥ — Capitão, quero a tua alma,
♥ para comigo a levar.
♥ — Renego de ti, demónio,
♥ que me estavas a tentar!
♥ A minha alma é só de Deus,
♥ o corpo dou eu ao mar.
♥ Tomou-o um anjo nos braços,
♥ não no deixou afogar.
♥ Deu um estoiro o demónio,
♥ acalmaram vento e mar,
♥ e, à noite, a nau Catrineta
♥ estava em terra a varar.

80. — Contos

Andante

Quau - do me - ni - no, — e já lá vão bem
a - nos — em noi - tes de ja - nei - ro, ao pé do lar, con - ta - vam-me as ca -
cho - pas e os ser - ta - nos con - tos, que me fa - zi - am já scis -
mar con - tos, que me fa - zi - am já scis - mar.

The musical score is written on four staves in a single system. The first staff begins with a treble clef, a key signature of two flats (B-flat and E-flat), and a common time signature (C). The tempo marking 'Andante' is placed above the first staff. The lyrics are written below the notes, with hyphens indicating syllables that span across multiple notes. The music consists of a single melodic line. The piece concludes with a double bar line at the end of the fourth staff.

Quando menino,—e já lá vão bem anos—
em noites de janeiro, ao pé do lar,
contavam-me as cachopas e os serranos
contos, que me faziam já seismar.

Umaz vezez, entravam na aventura
frades,—Deus lhes perdôe, que já lá vão;
outras, casquilhos, mas... em miniatura,
e pais, que tinham fôrça de Roldão,

▼ e homens de pé de cabra, e umas princesas,
♦ mui sécias e tafuis, saindo sós
♦ pelos bosques, montanhas e devesas,
♦ deixando adormecer aias e avós,

♦
♦
♦ e uns estudantes de mau sestro e manhas,
♦ e um fantasma branco, e um bicho, e um rei,
♦ e umas fadas gentis... tudo patranhas,
♦ que de cor aprendi, que ainda hoje sei.

Por isso, quando o mundo anda mais tonto,
e mais revoltó vejo o temporal,
eu folheio a memória, e acho num conto
proveitosos preceitos de moral.

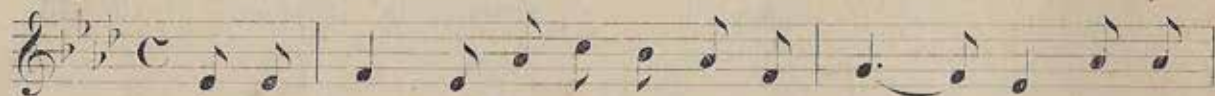
Tomás Ribeiro

(SÉCULO XIX).



81. — O melhor álbum

Majestoso



É um ál - bum sa - crá - rio de a - ni - za - - des, de re -



li - quias de a - mor co - fre a - do - rá - - - - - vel; *ff* é num



ál - - bum que vi - çam as saú - da - des do tem - po



que pas - sou, ir - re - vo - gá - vel. Num ál-bum, mais que um li - vro, diz um



no - - - me, que nu - ma fô - lha em bran - co es - cri - to



vem; mas, o ál - bum me - lhor, mais a - mo - rá - - - vel, o que a



fe - ctos só - men - te em si con - tem, é a - que - le que o tem - po não con -



so - me, - o co - ra - ção de mãe o co - ra - ção de mãe.

VERSOS DE *Simões Dias* (SÉCULO XIX).

82. — Versos de anos

Moderado



Com que, en - tão, ca - íu na as - nei - ra de fa -



zer na quin - ta - fei - ra vin - te e seis a - nos? Que



to - lo! A - in - da se os des - fi - zes - se, mas fa -



zê - los... não pa - re - ce de quem tem mui - to mi - o - lo.

Com que, então, café na asneira
de fazer na quinta-feira
vinte e seis anos? Que tolo!
Ainda se os desfizesse,
mas fazê-los... não parece
de quem tem muito miolo.

Não sei quem foi que me disse
que fez a mesma tolice
aqui o ano passado:
no que vem agora, aposto
(como lhe tomou o gosto)
que faz o mesmo... Coitado!

Não faça tal! Porque, os anos
o que trazem? Desenganos,
que fazem a gente velho.
Faça outra coisa! que, em suma,
não fazer coisa nenhuma
também lhe não aconselho.

Mas anos, não caia nessa!
Olhe que a gente começa
às vezes por brincadeira,
e depois, se se habitua,
já não tem vontade sua
e fá-los, queira ou não queira.

João de Deus

(Século XIX).

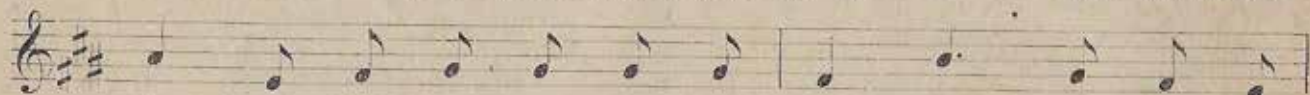


83. — Pela Pátria

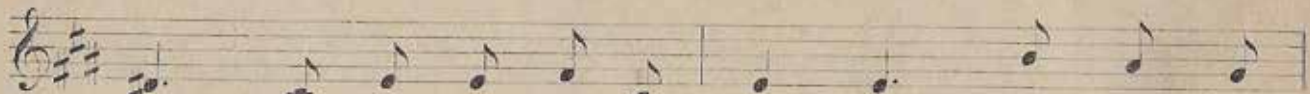
Pouco largo



p Ou - ve, meu fi - lho: Chei - o de ca - ri - - nho, a - ma as
Ho - je uma, ou - tra a - ma - nhã, de - va - ga - ri - - nho, se - rão em



ár - vo - res, a - ma. E, se pu - de - res, (e po - de -
fru - cto e em flor, quan - do cres - ce - res. Fa - çam os



rás; tu po - des quan - to que - res!) vai - as plan -
ou - - tros co - mo tu fi - ze - res: a - ves de a -



tan - do à bei - ra do ca - mi - nho. *mf* Tor -
bril, que vão cou - pon - do o ni - nho.



ne fe - cun - da e be - la, ca - da qual, a ter - ra em que nas - cer; e Por - tu -



gal se - rá fe - cun - do e be - lo, e o mun - do in - tei - ro. For -



tes e u - ni - dos, tra - ba - lhai as - sim... A Pá - tria não é mais do que um jar -



dim, on - de nós to - dos té - mos um can - tei - - - - ro.

Antônio Correia de Oliveira (Contemporâneo).

ÍNDICE

	PAG.		PAG.
O CANTO CORAL	5	20. — Provérbios de Salomão	41
1. — Cantando	7	21. — O melhor vento	42
2. — Os trabalhadores	8	22. — O cão e a presa	44
3. — Na escola	10	23. — A raposa e as uvas	46
4. — Não saber ler	12	24. — O ganso	48
5. — A instrução	14	25. — O papagaio	50
6. — As crianças	16	26. — A águia	52
7. — Camões	17	27. — As formigas	54
8. — Os <i>Lusiadas</i>	18	28. — Primavera	56
9. — Portugal	20	29. — Epigrama	58
10. — História vulgar	22	30. — Violeta	59
11. — Palhaço	24	31. — A rosa	60
12. — Miséria	26	32. — Escolha de flores	62
13. — Sonho dourado	28	33. — Lágrima	64
14. — Esmola	30	34. — Mãe dolorosa	65
15. — A dor e o prazer	32	35. — O filho morto	66
16. — A escola	33	36. — No esquite duma criança	68
17. — Preceitos higiênicos	34	37. — A avó	70
18. — Dizeres do povo	36	38. — Mães	72
19. — Trovas populares	38	39. — Aos filhos	74

	PÁG.		PÁG.
40. — Amor filial	76	63. — O preguiçoso	116
41. — Lógica infantil.	78	64. — Trabalhar!	118
42. — Conselhos paternos	80	65. — A luz duma forja	120
43. — Aquela velha!	82	66. — A candeia acesa	122
44. — A enjeitadinha	83	67. — O que eu amo	124
45. — Diálogo	84	68. — Passariinho solto	126
46. — O órfão	86	69. — Josèzinho	128
47. — O sonho do mendigo	88	70. — Noite de Natal	129
48. — O palácio da Virtude	90	71. — Jesus pequenino	130
49. — Créches	92	72. — Neve	132
50. — Lágrima santa.	93	73. — Balada da neve	134
51. — Trova	94	74. — Tristezas de aldeia	136
52. — Servidão	96	75. — Saúdade	138
53. — O avarento	97	76. — As estações	140
54. — Vozes de animais	98	77. — Três gotas de água	142
55. — De madrugada	100	78. — Barca bela	144
56. — Alvorada no campo	102	79. — Nau Catrineta	146
57. — Sinfonias da madrugada	104	80. — Contos	148
58. — Andorinhas	106	81. — O melhor álbum	150
59. — A castanheira	108	82. — Versos de anos	152
60. — Cantigas populares	110	83. — Pela Pátria	154
61. — A novidade	112		
62. — Preguiça	114	ÍNDICE	157